

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECISO**

**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA CLEMILDA DA SILVA

**XÔ OLHO GRANDE! AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS  
TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS  
DIGITAIS.**

RECIFE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECISO

BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA CLEMILDA DA SILVA

**XÔ OLHO GRANDE! AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS  
TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS  
DIGITAIS.**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Gonçalves Silva.

RECIFE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586x

Silva, Maria Clemilda

Xô olho grande! As ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais.: estudo exploratório / Maria Clemilda Silva. - 2022.

73 f. : il.

Orientadora: Profª Drª Maria Auxiliadora Goncalves Silva.

Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2022.

1. Rezadeiras. 2. Benzeção. 3. Cura. 4. Plantas. I. Silva, Prof Dr Maria Auxiliadora Goncalves, orient. II. Título

CDD 300

---

MARIA CLEMILDA DA SILVA

**XÔ OLHO GRANDE! AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS  
TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS  
DIGITAIS.**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Profª Drª Maria Auxiliadora Gonçalves Silva.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Profª Drª Maria Auxiliadora Gonçalves Silva  
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

---

Profª Dra Maria Grazia Cribari Cardoso  
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

---

Profª Drª Roseana Borges de Medeiros  
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

RECIFE

2022

## **DEDICATÓRIA**

A todas as rezadeiras, benzedeiras e curandeiras, especialmente, à minha mãe Irene que, no meio de tantas dificuldades e limitações, procurava nos manter saudáveis tanto por meio da medicina tradicional com seus remédios de farmácias, quanto por meio da medicina popular através das rezas e dos benditos chás.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma etapa concluída, à minha família, aos meus amigos Eliane Pereira, Lourdes Maria, Jidiane Maria, Angélica Nobre, Eric Leon, Pedro Braga, Bruno Leal e todos os outros que, apesar da distância física, deram força emocional e me incentivaram todos os dias.

A todos os meus ex-professores, especialmente as professoras Dulce Melo, Duduca, Maria José Jerônimo, Altina Flávia, Meire Queiroz e Maria Amélia Souto que sempre me viram com potencial para ultrapassar os meus próprios limites.

Aos meus atuais professores, especialmente a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Gonçalves Silva, que entendeu as minhas dificuldades e me apoiou nas necessidades; e aos professores Dr<sup>o</sup> (s) Francisco Roberto Caporal e Leonardo Cisneiros que nos deixaram precocemente, deixando seus ensinamentos enraizados por todos os lados os quais levarei para sempre na memória.

À Dona Lindalva, rezadeira que continua distribuindo suas bênçãos e rezas e a Expedito Mendes, filho da rezadeira Severina Mendes de Oliveira, conhecida por Dona Nina e que mesmo ausente há mais de 25 anos, ainda é lembrada por suas rezas.

A minha amiga Flávia Belém, que provocou sérias discussões a respeito do tema e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que essa pesquisa tivesse êxito, o meu respeito, o meu carinho e o meu muito obrigado.

## RESUMO

A presente pesquisa busca refletir sobre os processos de manutenção da prática de benzeção nos dias atuais, tendo como objetivo mapear as dificuldades encontradas pelas rezadeiras, bem como os fatores que contribuíram para a diminuição do número de mulheres que se utilizam da reza e das plantas no processo de cura para males físicos e espirituais. Essas mulheres detentoras de saberes populares, resistem ao tempo e as intempéries impostas pela modernidade e pela falta de interesse da família em dar continuidade ao ofício, além de serem excluídas de suas práticas pelo aparecimento de novas religiões que as acuam e as adjetivam de serem semeadoras e detentoras de um mal a ser combatido. Com isso, as rezadeiras tradicionais estão dando espaço para o surgimento de um novo grupo de rezadeiras voltadas às mídias digitais como, o *instagram*, o *facebook* e o *youtube*, além do uso do *whatsapp* para o envio de rezas e bênçãos. Assim, o estudo seguirá a abordagem sócio antropológica, utilizando o método qualitativo cujo universo será as rezadeiras do município de Vicência-PE.

**Palavras-chaves:** Rezadeiras. Benzeção. Cura. Plantas.

## ABSTRACT

The present research seeks to reflect on the processes of maintenance of the practice of blessing nowadays, aiming to map the difficulties encountered by the mourners, as well as the factors that contributed to the decrease in the number of women who use prayer and plants in the healing process for physical and spiritual ills. These women, holders of popular knowledge, resist time and the weather imposed by modernity and the family's lack of interest in continuing their craft, in addition to being excluded from their practices by the emergence of new religions that corner them and describe them as sowers. and holders of an evil to be fought. With this, the traditional mourners are giving space to the emergence of a new group of mourners focused on digital media such as *instagram*, *facebook* and *youtube*, in addition to the use of *whatsapp* to send prayers and blessings. Thus, the study will follow the socio-anthropological approach, using the qualitative method whose universe will be the mourners of the municipality of Vicência-PE.

**Keywords:** Prayers. Blessing. Healing. Plants.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura Imagem 1 - Pinhão roxo – planta usada para o benzimento.....	38
Figura Imagem 2 - Arruda – planta usada para o benzimento e para fazer chá.....	38
Figura Imagem 3 - Manjerição – planta usada para o benzimento e para fazer chá.....	39
Figura Imagem 4 - Dona Lindalva – rezadeira da cidade de Vicência/PE.....	51
Figura Imagem 5 - Dona Irene – rezadeira da cidade de Vicência/PE.....	52
Figura Imagem 6 - José Expedito- Filho da rezadeira Nina de Deódio.....	55
Figura Imagem 7- Igreja Matriz de Sant’Ana – Deu lugar à capela construída por Dona Vicência de Melo.....	73
Figura Imagem 8 – Casa Grande do Engenho Poço Comprido – Engenho tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) .....	73
Figura Imagem 9 – Rampa para a prática de voo livre – Engenho Jundiá.....	73
Figura Imagem 10 – Casa Grande do Engenho Jundiá.....	73
Figura Imagem 11- Placa em Homenagem a Dona Vicência na praça de Vicência/PE.....	73

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÃO E CURA.....	16
1.1-Definição de rezadeiras e benzeção.....	16
1.2-Contextualização: a cidade de Vicência/PE.....	23
1.3-A benzeção e a atuação das rezadeiras.....	25
1.4-Caminhos para as práticas de bênçãos e cura.....	27
1.5-A reza como símbolo de resistência.....	29
CAPÍTULO 2 – AS REZAS E AS CURAS.....	33
2.1-As plantas: grandes aliadas no processo de cura.....	37
2.2-Diálogo entre a medicina tradicional e a medicina popular no Brasil.....	41
2.3-As rezadeiras e a manutenção das rezas.....	44
2.4-As novas rezadeiras das mídias digitais.....	47
CAPÍTULO 3 – AS REZADEIRAS DA CIDADE DE VICÊNCIA/PE.....	50
3.1-O legado das rezadeiras.....	53
3.2-As rezadeiras na concepção dos consulentes.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	60
ANEXOS .....	63

## INTRODUÇÃO

As rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que se dedicam a cura de males físicos e espirituais com a utilização da reza. Embora para alguns autores, como é o caso de Oliveira, R (2016?), as benzedadeiras e rezadeiras se distinguem pelos serviços de bênçãos oferecidos, porém na prática essa distinção não acontece. A nomenclatura muda dependendo da região a qual ela está inserida.

Para se caracterizar como benzedadeira, segundo Oliveira, R (2016?), são necessários três elementos essenciais: a fórmula da bênção, a fé na cura e a confiança da comunidade no seu poder de cura. Já as rezadeiras, segundo ela, apesar de ter um papel parecido com as benzedadeiras, oferecem um serviço mais amplo, que vão desde os problemas relacionados ao corpo físico quanto de ordem espiritual.

Aqui, optaremos por chamar essas mulheres que se utilizam da benzeção e das rezas para a cura, de rezadeiras, nome pelo qual elas são conhecidas na cidade de Vicência-PE, local utilizado como recorte espacial para a pesquisa, com a utilização do contexto urbano.

As rezadeiras com suas práticas de benzeção têm existido a centenas de anos e fazem parte da vida de milhares de pessoas, principalmente das mais carentes, servindo muitas vezes como a única opção para a cura de males físicos ou espirituais, realizadas por meio de rezas ou de remédios caseiros feitos a base de plantas e raízes medicinais, cultivados nos terreiros e quintais de casa.

As rezas são realizadas com o auxílio de ramos de folhas verdes retiradas de plantas como o pinhão, a arruda, o manjeriço e outras que, manejadas de um lado para outro, formando o sinal da cruz bem a frente do rosto daquele que está sendo benzido, tem como missão curar o mal que o atormenta.

O papel das benzedadeiras, popularmente conhecido, é dar conforto e auxiliar as famílias que as procuram sem receber nenhum pagamento por isso. As rezas são gratuitas, vistas como um dom de Deus e que não têm um valor específico. No entanto, presentes como, galinha, feijão, macaxeira e algum dinheiro são aceitos, mas nunca como um “pagamento”, sempre como um “agrado”.

A escolha deste projeto de pesquisa reside no fato, da minha ligação pessoal com as rezadeiras. Nascida na zona rural do município de Vicência-PE, em meados dos anos 70, meus irmãos e eu éramos levados pela minha mãe à presença de rezadeiras para a cura de males físicos envolvendo também os espirituais. Embora desconhecidos pela medicina tradicional, fazem parte da história da cultura do povo benzimentos contra quebranto ou mau-olhado<sup>1</sup>, espinhela caída<sup>2</sup>, vento caído<sup>3</sup>, ossos “desmentidos”<sup>4</sup>, dores de cabeça causadas pelos raios do sol e tantos outros inexplicáveis para a medicina tradicional ou de farmácia, como são conhecidas entre os povos mais carentes.

Hoje, observando a escassez ou o quase desaparecimento desta prática e conseqüentemente destas mulheres, estabeleci para este trabalho como objetivo geral: mapear os fatores que contribuíram para a diminuição do número de rezadeiras e o surgimento das novas rezadeiras voltadas às mídias digitais. Como objetivos específicos: a extinção da passagem dos saberes e práticas para outras gerações; e identificar e comparar as diversas práticas ritualísticas das mídias digitais.

Segundo Oliveira, R (2016?, p.6), as rezadeiras/benedeiras “são mulheres que usando de uma sabedoria ancestral acionam conhecimentos do catolicismo popular, como súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam sua ajuda (...)”.

O local escolhido para a pesquisa foi o município de Vicência/PE, localizado a 87 km da capital, Recife/PE, cercado por serras e antigos engenhos produtores de canas de açúcar. O município ficou conhecido por volta dos anos 90 como “Terra do Voo Livre”, referente à prática de voo livre (asa delta e parapente) realizado na Serra de Jundiá, um dos picos altos da região. O município, no início de sua formação era conhecido como um rincão rural, pois abrigava almocreves<sup>5</sup> que viajam com suas bestas e mulas para as cidades vizinhas e se hospedavam no rancho de dona Vicência de Melo. Vicência foi então elevada à categoria de cidade em 11 de setembro de 1928, com uma área territorial de 228,017 km<sup>2</sup> e têm uma

---

1 Mau-olhado ou olho-gordo é uma crença folclórica (provavelmente muito antiga por ser observada entre vários povos) de que a inveja de alguém, demonstrada pelo olhar ou não, pode vir a ocasionar a degradação do alvo da inveja ou de uma boa sorte

2 Espinhela caída Também conhecida por Lumbago é a designação popular de uma doença caracterizada por forte dor no peito, nas costas e pernas, além de um cansaço anormal que acomete o indivíduo, ao submeter-se a esforço físico.

3 Vento caído: moleza, tristeza, palidez em crianças de colo.

4 Ossos desmentidos, desconjuntados: Tirar ou sair das juntas, das articulações ou dos encaixes

5 indivíduo que tem por ofício conduzir bestas de carga; arrocheiro, recoveiro.

população estimada, em 2020, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 32.897 habitantes.

Segundo o IBGE esta população está dividida entre a sede, o distrito de Murupé e os povoados de Angélicas, Trigueiros, Borracha e outras comunidades rurais como, a Usina Barra (desativada) e a Usina Laranjeiras. Esta última, uma das principais fontes de trabalho do município que, além da cana de açúcar, tem a banana como sua principal fonte de renda.

O IBGE, em 2010, revelou que mais da metade da população não tinha nenhuma ou tinha pouca instrução e ocupava, em sua maioria, a zona rural do município, somando uma população de 16.927 pessoas. Desta população, cerca de 10.141 mil pessoas sobreviviam com uma renda de até 1(um) salário mínimo, por meio da agricultura familiar e dos programas de políticas públicas do governo federal, como por exemplo, o Bolsa Família, hoje chamado de Auxílio Brasil.

O município está localizado na região da mata norte do estado de Pernambuco, e é formado por centro urbano e por diversas moradias rurais, distribuídas em pequenos sítios e engenhos que no passado concentravam grande parte da população que atuavam principalmente no cultivo da cana de açúcar.

Atualmente o município vive o êxodo rural interno. As pessoas estão migrando para os arredores do centro do município, que passou a contar com um crescimento habitacional desordenado, aumentando assim as moradias irregulares, a falta de saneamento, a quantidade de pessoas desempregadas e a procura por atendimento na pública de saúde, forçando o poder público a construir políticas públicas nas áreas de habitação e moradia, educação e, principalmente, na área de saúde.

Apesar de todas as transformações sofridas e no investimento público na medicina tradicional como, a construção de postos de saúde nas comunidades, aquisição de ambulâncias, veículo adaptado de SAMU, investimento em salas para pequenas cirurgias e equipamentos de raios-X, o município de Vicência, ainda nos dias atuais, conserva em seu território narrativas de mulheres que se utilizam da reza e da benção para a cura de males físicos e espirituais, principalmente em crianças e mulheres, estas as maiores credoras desse ofício.

Essas mulheres são donas de casa, com idades acima de 65 anos e que, embora morem nos arredores do centro da cidade, nunca ocuparam o mercado de trabalho formal. Essa fatia

da população vem sendo reduzida ao longo dos últimos anos, que se iniciou segundo Borges (2017), com a instauração do processo de higienização proposto na metade do século XIX, cujo objetivo da coroa era contrapor e regular as práticas de cura alternativas, ou seja, homogeneizar e padronizar os processos relacionados à saúde da população.

Como exemplo desses processos, temos a implantação das políticas públicas voltadas para o atendimento à saúde da população em todos os lugares do país, atendendo todos os municípios com a implantação das Unidades de Saúde da Família (USF). Diante disso, Vicência-PE, conta hoje, com 18 (dezoito) estabelecimentos de saúde, sendo 17 (dezesete) deles operados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), caracterizados como PSFs (Programa de Saúde da Família) espalhados pela sede e distritos, segundo dados do censo demográfico realizado em 2010, pelo IBGE e 1 (um) privado, que funcionava em parceria com a Prefeitura e através de doações e que hoje se encontra desativado. Além dos PSFs, o município conta ainda com 02 (dois) consultórios particulares para consultas e exames médicos e 02 (dois) consultórios odontológicos.

Porém, apesar do fácil acesso a medicina científica e tradicional, as buscas pelas práticas de benzeção das rezadeiras continuam, surgindo, segundo Oliveira, R (2016?), como um “(...) elemento social que desempenha - no meio rural ou na periferia dos centros urbanos- a função mantenedora do equilíbrio entre saúde/doença e do bem/mal”.

Embora o ofício de benzeção venha perdendo espaço, principalmente nos processos relacionados à saúde, ele ainda permanece como uma busca para a cura espiritual. Essa redução das práticas de benzeção, segundo Oliveira, R (2016?), ““(...) se estabelece pelas dificuldades de passar seus saberes para as novas gerações devido à carga pejorativa atribuídas pelos neopentecostais,” “(...) além da falta de interesse dos jovens que tentam, a todo custo, mesmo pobres, acompanhar o ritmo da sociedade moderna””.

Apesar de Oliveira, R (2016?), citar a religião neopentecostal como um dos motivos para a redução das práticas de benzeção, a religião predominante na cidade de Vicência-PE é a católica, com um total de 20.737 adeptos, enquanto a evangélica soma um total de 6.569, contra 2.678 que se identificam sem religião e 688 são adeptos de outras religiões, segundo dados do IBGE.

Assim, o estudo seguirá a abordagem sócio antropológica, utilizando o método qualitativo cujo universo será as rezadeiras do município de Vicência-PE, como também o *Instagram*, através do grupo Benzedores de Luz.

Nesta pesquisa terá como técnicas a observação direta, entrevistas e questionários, pois, apesar de está ainda em período pandêmico, a população de Vicência, com idades a partir de 12 anos, encontra-se com pelo menos a primeira dose da vacina tomada, o que diminui bastante o contágio, embora permaneçam todos os cuidados que a pandemia exige. Dessa forma, a entrevista ocorrerá, obedecendo à distância permitida e contará com questões abertas, o que exige a compreensão dos significados e da interpretação dos olhares e gestos transmitidos por cada um dos entrevistados. A pesquisa também se caracteriza como exploratória, uma vez que segundo Gil (2007), as pesquisas exploratórias têm como principal objetivo desenvolver e esclarecer ideias, além de contar com levantamentos bibliográficos já elaborados a respeito do tema geral.

Em relação ao grupo Benzedores de Luz, que atuam com serviço de saúde alternativo e holístico, através da rede social e midiática *Instagram*, pesquisa será feita utilizando o suporte de mensagens para a obtenção dos dados.

O recorte temporal estabelecido para a pesquisa foi o período de 2022, pois, em meio ao período pandêmico, com a ocorrência de grandes perdas pessoais, tanto no lado material quanto emocional houve uma maior preocupação na busca pelo bem-estar, seja ele no plano físico ou espiritual, aumentando a procura por bênçãos e pela cura da alma e do corpo. Essa busca, mediada por momentos de ansiedade e desespero contribuíram para alavancar a inserção e uso maciço de várias mídias digitais, entre elas o *Instagram*, em que grupos de benzedores foram formados para dar suporte aqueles que buscam conforto para as suas perdas e auxiliar na busca pela fé. Este fato possibilitou uma reflexão a cerca da atuação das benzedoras, de suas práticas de benzeção tradicional e do surgimento de novas rezadeiras por meios digitais.

O trabalho foi estruturado em 3 (três) capítulos assim distribuídos: No capítulo 1 discuto o surgimento das rezadeiras, bem como as definições e a atuação dentro do espaço ao qual estão inseridas, além dos caminhos trilhados por elas para a manutenção das práticas de bênçãos e cura. Discuto ainda se o processo da benzeção é uma prática herdada ou ensinada, buscando demarcar as diferentes formas de conhecimentos adquiridos, em sua maioria de pais

para filhos e filhas e a diminuição desses conhecimentos tradicionais com o passar do tempo para as novas gerações.

No capítulo 2, procuro discutir, ainda que de forma elementar, a cura realizada por meio da reza, tanto de males físicos quanto de males espirituais, tendo como auxílio o uso de plantas medicinais, cultivadas nos terreiros e quintais das casas, e na qual se estabelece um diálogo entre a medicina tradicional e as rezadeiras. Discuto também a atuação das rezadeiras através dos tempos, das práticas tradicionais de rezas e bênçãos às novas práticas ritualísticas proporcionadas pelos meios digitais como, o *Instagram*, o *facebook* e o *youtube*, utilizando para isso, os grupos Benzedores de Luz, que atua com serviço de saúde alternativo e holístico; o Florescer Bento, que atua como um ambulatório de cura e formador de rezadeiras.

No capítulo 3, busco identificar as rezadeiras existentes na cidade de Vicência/PE, buscando conhecer suas práticas e seu modo de enxergar o processo de benzimento realizado por elas. Também nesse capítulo, procuro discutir o legado deixado pelas rezadeiras e a visão das pessoas em torno das práticas de benzeção e cura.

.Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, apresento as ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais, que apesar das várias transformações tecnológicas, as pessoas ainda guardam memórias afetivas, repassadas por mães, pais, avós e buscam, cultivando e se utilizando de conhecimentos na ânsia de uma melhor condição de vida.

Diante do exposto, esta pesquisa contribui para a abertura de um leque de indagações e novos estudos do papel das rezadeiras neste momento, tal como o aprofundamento de quem é quem em termos de preparação, formação e prática na rezação.



## **CAPÍTULO 1 - O CONTEXTO DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÃO E CURA.**

Para a contextualização do universo das rezadeiras, utilizaremos os conceitos propostos sobre o papel das mulheres desde a Idade Média, quando detentoras de saberes e práticas de cura populares, e que foram dizimadas mediante as imposições da igreja católica por meio do santo ofício. Enfocaremos também os conceitos da benzeção, da reza e do uso de plantas medicinais como práticas alternativas de cura e que vem sendo utilizada até os dias atuais, apesar das ameaças de extinção em torno dessas práticas, oriundas tanto dentro da família quanto fora dela.

Outra questão a ser discutida são as transformações sofridas no processo de benzeção com a introdução das tecnologias e o desaparecimento das rezadeiras tradicionais, seja por pressão de outras religiões ou desinteresse da família. Para isso, utilizaremos os estudos de autores como Medeiros (2011) que aborda a atuação das mulheres na idade Média; Mendes (2012) em sua conceituação sobre as práticas tradicionais de cura popular; Minayo (2019) a respeito do pensar e fazer saúde; D’Almeida (2018) com a sua concepção da cura através das plantas; Cunha (2017), que aborda as práticas e os saberes das benzedeadas no Rio Grande do Norte (RN), além de Siuda-Ambroziak (2018) que aborda a extinção das benzedeadas na Ilha da Magia (SC), Borges (2017) com a sua definição de saberes e práticas de rezadeiras, Gomes (2018) em sua pesquisa realizada na cidade do Paulista (PE) sobre a saúde e o sagrado das rezadeiras; Gontijo Cunha (2018) que aborda as memórias e tradições; Cavalcante (2006); Farinha (2012) sobre as transformações das práticas de benzimento; Simões (2014), Santos (2006), Mendes e Cavas (2017) e, por fim, Oliveira, R (2016?) com a sua abordagem em torno das dificuldades da benzeção nos espaços urbanos e Oliveira, E (1983) com o estudo sobre as benzedeadas e rezadeiras em Campinas, vol. I e vol. II. Estes teóricos irão possibilitar uma maior compreensão do quadro geral desse universo.

### **1.1- Definições de rezadeiras e de benzeção**

As rezadeiras, benzedeadas e/ ou curandeiras como chamadas antigamente eram mulheres que se utilizavam das práticas de rezas e do uso de plantas medicinais para a cura de males físicos e espirituais que acometiam as pessoas, ainda hoje mantidas com muita resistência através dos tempos.

Essa prática vem sendo utilizada desde a Antiguidade e chega aos dias atuais, apesar de passar por várias formas de perseguições e de extermínios para com aqueles que as praticava. Segundo Mendes (2016) “(...) a existência do curandeirismo vem desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, quando muitos debates tiveram sua existência interrompida por serem considerados pela Inquisição como “bruxos e malfeitores””, ou seja, combatidos pela igreja Católica, uma vez que não se encaixavam dentro dos preceitos pregados e disseminados por ela.

O chamado “Tribunal do Santo Ofício” ou “Santa Inquisição” foi criado em 1184, durante o Concílio de Verona pelo papa Lúcio III, que segundo Medeiros (2011) foi criado para conter a ameaça daqueles que ousavam desobedecer e discordar da Igreja Católica e se fortaleceu com a criação de vários tribunais e inquisidores por toda a Europa. Segundo ela, os inquisidores eram pessoas bem recompensadas e quase 80% de suas vítimas eram mulheres consideradas bruxas, que eram torturadas e queimadas vivas em fogueiras.

Ainda de acordo com Medeiros (2011), essas mulheres eram em sua maioria camponesas que se utilizavam do conhecimento dos seus ancestrais para curar, compreender a vida e a morte e resolver seus problemas. O contato com a natureza e o conhecimento de ervas dava a essas mulheres, por um lado, o domínio do conhecimento e o aprimoramento para utilizá-las em várias práticas como partos e outras doenças. Por outro lado ainda possuíam o reconhecimento e credibilidade da comunidade sobre suas intuições e premonições dos fenômenos em vários campos.

No entanto, segundo Medeiros (2011) a sociedade medieval foi levada a acreditar que seus dons eram obras do diabo e outras eram vistas em bruxas em razão da tortura. (p.170). Esse pensamento ainda habita no mundo moderno, fazendo com que muitas religiões atribuam o ato da reza e da cura praticadas por rezadores como algo ruim ou “coisa do diabo”, que precisa ser erradicado da face da terra.

Conforme Mendes (2016, p.3), durante o período medieval, “o ofício de curar as pessoas por meios que não se enquadravam nos preceitos da igreja, foi muito combatido pelo Tribunal do Santo Ofício, que agia como uma forma de controle social para acabar com essa atividade por pessoas consideradas social e economicamente fora dos padrões exigidos na época”.

No entanto, o processo de benzeção, segundo Mendes (2016), está relacionado à religião, uma vez que se utilizam das orações, das imagens de santos, de água benta, rosário e etc. Porém não está única e exclusivamente vinculada ao catolicismo, mantendo relações com outros simbolismos como a umbanda e o candomblé.

O benzimento é uma atividade antiga na sociedade brasileira e comumente, mas não exclusivamente praticada por mulheres. Ademais, costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular e transmitida de geração a geração ou recebida como um “dom divino”. (HOFFMANN, 2012 *apud* MENDES, 2016).

Esses profissionais populares da cura mantêm uma relação muito próxima com aqueles que vão procurar ajuda, estando ligados muitas vezes pela comunidade e pelo modo de vida social e econômico, dentro de um mesmo contexto social. Mendes (2016, p.5) afirma que “(...) tinham uma relação muito significativa com a população, obtinham uma aceitação estritamente favorável, pois estavam mais próximas das pessoas, de seus males, muitas vezes não só do “corpo”, mas da “alma”“.

(...) o “curandeiro” não é somente o médico que pertence a sua classe social, fala sua linguagem e compartilha com ele sua visão de mundo e suas representações sobre a doença e a saúde, mas é, sobretudo aquele que aborda em sua totalidade, ou seja, aquele que procura acalantar, além de seu corpo, também sua alma. (MENDES, 2016, p.6)

Segundo Oliveira (1983, *apud* Mendes, 2016), o ofício da benzeção deve ser compreendido a partir de dois enfoques: o primeiro deles é em relação ao modo de cura e o segundo é como instrumento de intervenção social.

(...) como um modo de curas, (...) como um instrumento de intervenção no processo histórico social, ainda que ele não faça de forma consciente e crítica. Tal ofício é produzido e reinventado nas estreitas brechas do saber erudito e a sua revelia; quando este tenta impor-lhe a sua visão de mundo como se ela expressasse as necessidades da sociedade em seu conjunto. (OLIVEIRA, 1983, *apud* MENDES, 2016, p.2).

Mendes (2016, p.6) vem dizer que “(...) a benzeção é veiculada por meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade, da defesa da natureza ao recuperar as plantas saudáveis pra reproduzir curas e pela proximidade nas longas e calorosas conversas”. Conversas essas que não acontecem nos consultórios médicos, local em que se pratica a medicina tradicional. Nesses locais, apenas a doença interessa e é passível de diagnóstico, o bem-estar emocional e espiritual fica de fora.

Sobre isso, Minayo (2009) defende, dentro da área antropológica, que a saúde seja vista de forma mais humana, voltada para o paciente como uma pessoa, indivíduo dentro de

um contexto social, onde todas as ações estão interligadas, uma influenciando a outra. Para ela, tanto a saúde como a doença são frutos de uma interação dinâmica entre o físico, o psicológico, o relacional e o moral, conformando uma representação peculiar e forte que retorna dinamicamente para a coesão social.

No Brasil, principalmente a partir dos anos 30, intensificou-se segundo Mendes (2016) o projeto de reorganização social, visando o progresso industrial (...) resultando numa intensa campanha com o intuito de propagar a importância dada a saúde pública em detrimento da medicina popular. Com isso, as campanhas atribuíram a figura do curandeiro ao charlatão, ou seja, pessoa que agia de má fé, que dizia curar pelas orações ou benzeção (p.5).

Sobre esse processo de reorganização em torno da medicina popular, D’Almeida (2018) afirma que a disseminação de ideias negativas associadas às práticas e saberes tradicionais criou uma imagem de retrocesso e de ameaça ao progresso.

A fim de desestruturar estas práticas e saberes criou-se para elas uma imagem que as associava ao retrocesso, ocultismo, magia, segredo, mistério, sobrenatural, contribuindo para a disseminação de uma ideia de que seriam uma ameaça ao sonho de progresso e um obstáculo rumo a civilização. (D’ALMEIDA, 2018, p.36).

Dessa forma, a medicina popular foi estigmatizada, considerada um empecilho para o progresso e, segundo D’Almeida (2018, p.45), criou-se uma ideia corrente de que o avanço em direção a civilização requeria, entre outros fatores, o cuidado com a saúde pública, desde que baseada no conhecimento científico. Assim, tanto os médicos tradicionais quanto os meios de publicidade se aliaram ao governo brasileiro, para desmistificar a medicina popular em prol de uma medicina centrada na cientificidade.

Assim, segundo D’Almeida (2018, p.46), “(...) o sucesso no combate as doenças contagiosas foi central para que a medicina científica conseguisse se sobressair diante da vasta concorrência comprovando a eficácia e superioridade que seus profissionais tanto lhe atribuíam e disseminavam”.

Segundo Borges (2017) o processo de higienização, ou seja, de pôr fim as atividades de cura por meio da reza, exercidas pelas rezadeiras e praticantes da medicina popular teria começado bem antes disso, na metade do século XIX, cujo objetivo da coroa era contrapor e regular as práticas de cura alternativas, ou seja, homogeneizar e padronizar os processos relacionados à saúde da população.

No entanto, foi justamente neste contexto de reorganização da sociedade brasileira, segundo Mendes (2016), que as práticas populares de cura se desenvolveram. As pessoas passaram a procurar esses profissionais pela praticidade dos remédios indicados por eles, assim como o conhecimento em plantas adquiridos ao longo do tempo e que estavam ao alcance de todos.

Na década de 40 e 50, segundo Mendes (2016, p.01), “a medicina científica passou a disputar o espaço de atuação na área da saúde com os curandeiros, estes considerados charlatões ou criminosos”. “Eram assim visto, por se utilizarem de conceitos populares de saúde/doença e por realizarem práticas populares de cura, na época, consideradas ilegais” e que, apesar das dificuldades e das tentativas de eliminá-la, as práticas puderam continuar como uma alternativa de cura para muitas mazelas daqueles que a buscavam. “(...) Todavia, contraditoriamente eram vistos, por outra ótica, como sendo uma alternativa possível às longas filas de hospitais a espera de atendimento e as receitas inacessíveis dos médicos”.

A linguagem objetiva da ciência não pode ser confundida com a noção de precisão. O alcance da linguagem científica é restrito a um público que consegue decifrar uma simbologia própria de representação, faz-se assim inacessível a muitos que dela necessite. (SANTOS, 2008, p.2).

Segundo Gontijo Cunha (2018) a benzeção no Brasil, nada mais era do que um recurso imediato e eficaz para o combate de doenças cotidianas que foram crescendo graças à escassez e ineficácia da medicina tradicional da colônia e continua sendo o único recurso para muitas pessoas ainda nos dias atuais.

Esse recurso de cura alternativa pode ser visto em várias regiões do país, principalmente no nordeste, em estados como Bahia (BA), Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB) e Pernambuco (PE); no centro – oeste como Brasília (DF) e Goiás (GO); no Sudeste, nos estados de São Paulo (SP), Vitória (ES) e Minas Gerais (MG) e no Sul, nos estados do Paraná (PR) e Santa Catarina (SC). Esses locais, em sua maioria, resguardam as memórias e as tradições de várias gerações, assim como sofrem também com as ameaças de extinção de suas práticas e de suas oralidades, o que tem levado a construção de vários movimentos para a manutenção dessas práticas. Uma delas é o Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA), instituído em 2008, no estado do Paraná (PR), tendo como objetivo a criação de leis municipais para o reconhecimento e a valorização dos saberes e das práticas tradicionais, em busca de visibilidade social, cultural e política das benzedeadas, rezadeiras (...) que resgatam o conhecimento sobre simpatias, orações massagens, defumações,

benzimentos, remédios caseiros, costura de machucadora, entre outros (KULLER 2008, *apud* KOSMASKI, 2017, p.2).

No nordeste, estado como o Ceará (CE), especificamente o município de Maranguape, tem buscado a junção da medicina tradicional com a medicina popular por meio da inclusão das rezadeiras nos programas de saúde do município. A iniciativa surgiu em 1999 e segundo dados do Diário do Nordeste, publicados em setembro de 2005, ela tem conseguido através dessa parceria a redução da mortalidade infantil de crianças de até 01(um) ano de idade. Para atuar no programa, as rezadeiras passam por um programa de aprendizado e aperfeiçoamento para que, junto aos Postos de Saúde da Família ( PSFs) e aos agentes de saúde, possam solucionar os problemas da população que as procuram, tanto com a utilização de remédios cientificamente comprovados, quanto com a utilização de rezas e chás. Essa iniciativa, segundo Cavalcante (2006) têm conseguido resultados surpreendentes em torno da saúde da população.

Em Pernambuco (PE) não há iniciativas desse tipo. Segundo Esteves (2017), apesar da tradição e das práticas de benzeção caracterizados pelas rezadeiras não terem desaparecido, é um fenômeno cada vez mais raro, principalmente nos centros urbanos.

Em Pernambuco, a tradição não desapareceu ao longo dos anos, mas tornou-se mais rara, principalmente nos centros urbanos. Apesar disso, as senhoras da oração poderosa ainda resistem e fazem de suas preces um alento em meio ao sofrimento de quem busca na fé uma esperança. (ESTEVES, 2017).

Dentre os municípios do estado de Pernambuco (PE), Paulista, na Região Metropolitana do Recife, tem sido palco de estudos a respeito das práticas de benzeção, uma vez que ainda conserva as memórias e as práticas culturais de mulheres que dedicaram e dedicam a vida ao ofício da benzedura, para cura da diversos males e por inúmeros motivos.

Os motivos de quem procura as rezadeiras são muitos. Falta de atendimento médico ou desesperança no sistema de saúde, tradição familiar ou para cuidar de casos que, para a cultura popular, pode ser tratado por uma benzedeira. Espinhela caída, vento virado, mau-olhado, erisipela<sup>6</sup> e cobreiro<sup>7\*</sup>, além de outros incômodos físicos e

---

<sup>6</sup>Infeção de pele causada por bactérias e pode ser acompanhada de febre. A enfermidade se espalha pelos vasos linfáticos e geralmente ataca as pernas, principalmente de mulheres. A princípio, aparecem manchas vermelhas, depois incham e surgem bolhas. Também é conhecida por “Vermelhão” e “Gota”. Para tratar a doença, a rezadeira utilizava um terço, uma faca e um ramo de figueira molhada em azeite e aplica na parte doente fazendo o formato da cruz e rezando.

<sup>7</sup> Também uma doença de pele e traz borbulhas na pele e causa muitas dores. Pode se originar devido a alguns bichos rastejantes (cobras, lagartos ou lagartixas) entrarem em contato com sua roupa e deixarem seu veneno. Para o tratamento, as rezadeiras utilizam palhas de alho e cortam as feridas ao mesmo tempo que rezam.

emocionais. Criança, adulto ou idoso, não há idade estabelecida e qualquer pessoa pode ser benzida. (ESTEVEVES, 2017)

No município de Vicência (PE), no entanto, não há essa visibilidade. Embora, segundo D. Irene em seus relatos orais, buscados na memória, tenha havido um número considerado de benzedores, tanto mulheres quanto homens. Ainda, segundo ela, entre as décadas de 70 e 80, os benzimentos na cidade eram realizados por Dona Sula, Dona Helena, Dona Nina, Dona São, Dona Dá e Dona Biu, todas já velhinhas e hoje já falecidas. Entre os homens, diz ela, Seu Bilão, Seu Mané Luiz, Seu João Francisco, Seu Mané Maria (rezava para nervo torto), se destacavam, principalmente na reza para homens e crianças. Atualmente, apenas D.Lindalva realiza essa prática na comunidade. Contudo, com a ausência dessas mulheres, foi preciso que houvesse uma reinvenção, ou seja, algumas mulheres começaram a rezar para atender seus próprios filhos e mantêm essa prática até os dias atuais, rezando os netos.

*Se eu não rezasse quem ia rezar? Eu saía a pé, eu e Deus, num caminho com cana de um lado, cana do outro, arrastando um menino e com o outro no braço. Às vezes deixava os bom em casa e levava só o doente. Era as rezadeiras que me socorria. Pagava com feijão verde, macaxeira, galinha. Teve uma vez que uma filha minha pegou um olhado tão brabo que tive que levar pra três rezadeiras. (D. Irene)*

O relato de D. Irene vai de encontro a tantos outros e tira da minha memória lembranças esquecidas. O fato de o município ter uma grande quantidade de moradores na zona rural, o acesso aos postos médicos era bem precário, principalmente em relação à locomoção. O atendimento médico, nos anos 70 e 80 eram compostos apenas por uma maternidade e por uma unidade mista de saúde para atender toda a população do município, tanto da zona rural quanto da urbana. Além disso, os médicos não eram vistos com bons olhos, pois além de usarem uma linguagem difícil de ser entendida, ir ao médico significava gastos com remédios de farmácia, dinheiro que nem sempre a família possuía. Em muitos casos, os patrões (donos das terras, dos engenhos) davam uma autorização por escrito para as farmácias da cidade e o valor era descontado na folha de pagamento do empregado.

*Lembro que eu com 10, 11 anos ia sozinha me rezar com Dona São e outra rezadeira que não lembro o nome agora. A maioria das vezes era para o mau-olhado, mas já rezei também para peito aberto. A rezadeira usava um cordão para medir e ajustar o peito. (Flávia, 48 anos – Vicência/PE)*

Até hoje, as pessoas mais velhas do município de Vicência se utilizam do uso de chás antes de procurar um médico, apesar da área de saúde ter melhorado muito em todos os estados e municípios do país, devido a, segundo Minayo (2011), “a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e sua universalização como um direito de todos e dever do estado”, as pessoas ainda

buscam por atendimentos que acaltem tanto o corpo quanto a alma. Buscam não apenas curar os males, mas sentir-se acolhido e reconfortado.

## **1.2-Contextualização: a cidade de Vicência/PE**

O município de Vicência está localizado a 87 km da capital Recife. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, Vicência foi elevada a categoria de município pela lei nº 1931 em 11 de setembro de 1928 e possui hoje uma área territorial de 228.017 km<sup>2</sup>. Ainda de acordo com os dados do IBGE, sua população foi estimada em 2020 em 32.897 habitantes, com densidade demográfica de 134,78 hab/km<sup>2</sup> e tem, nos dias atuais, como prefeito o Sr. Guilherme de Albuquerque Melo Nunes.

O município recebeu a denominação de Vicência em 05 de junho de 1879, pela lei provincial nº 1448 e pela lei municipal nº 5 em 30 de novembro de 1892, estando subordinado à época ao município de Nazaré da Mata e que foi desmembrado posteriormente após a elevação de município.

Em 1850 as terras do município eram conhecidas, apenas, como um rincão rural. No local residia uma senhora, muito católica, conhecida pelo nome de Vivência de Melo. Essa senhora possuía um rancho que era chamado de “O rancho de dona Vicência” sendo constantemente procurado pelos almocreves<sup>8</sup> que viajavam para Goiana e para os municípios vizinhos, tornando-se um ponto de encontro daqueles condutores de mercadorias que o procuravam para descansar. Dessa forma o local foi gradativamente tornando-se um povoado. Nas proximidades da sua residência, dona Vicência construiu uma capela, orientada pelo capuchinho Frei Caetano de Messina e que foi concluída em 1859 sob a inovação de Santana, hoje Igreja de Sant’Ana, sendo a padroeira do município, com data comemorativa em 26 de julho.

A divisão administrativa do município, conta com 02 (dois) distritos: Vicência (sede) e o distrito de Sapé (denominado de Murupé em 31 de dezembro de 1943), além dos povoados de Borracha, Angélicas, Trigueiros, Usina Barra (desativada), Usina Laranjeiras e comunidades rurais.

---

<sup>8</sup> Pessoa que conduzem bestas de carga. Recoveiro, carregador.



A maior empregadora do município é a Usina Laranjeiras, principalmente no período de safra, quando ocorre o corte e o manuseio da cana-de-açúcar para a fabricação do açúcar e que acontece entre os meses de setembro e janeiro. Além do cultivo da cana de açúcar, outro produto bastante cultivado e comercializado no município é a banana, sendo uma das principais fontes de renda da população que, além de ser vendida para fora do município, com distribuição no Centro de Abastecimento e Logística de Pernambuco (CEASA) em Recife, é também distribuída para outros estados como, por exemplo, a Paraíba. Além de ser comercializada em seu modo original, a banana e seus derivados também são usados para a confecção de artesanato, tendo como sua maior representante a artesã Vera Brito, e na fabricação de produtos como licores, doces, bombons e etc, muitos destes comercializados no Mercado Público da cidade.

Situado em meio a serras e colinas, como a Serra das Mascarenhas, o município é destaque pela prática de voo livre como asa delta e parapente, sendo considerada em anos anteriores como a “Cidade do Voo Livre”, juntamente com outras cidades pernambucanas. Além das serras, o município conta com inúmeros engenhos rurais como Engenho Iguape, Engenho Jundiá e o Engenho Poço Comprido, este tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1962, por ser um dos únicos remanescentes do século XVIII em Pernambuco e abriga um Museu Comunitário formado pela casa-grande, capela e moita.

Os engenhos e as comunidades rurais abrigam, segundo dados do IBGE 2010, cerca de 16.927 pessoas, mais da metade da população do município, que se divide entre os que trabalham formalmente, os que vivem como agricultores e os que necessitam de auxílios de renda federal como o Bolsa Família, atual Auxílio Brasil. Atualmente a quantidade de famílias atendidas pelo município, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Ministério da Cidadania, são de 3.741 famílias beneficiárias, que atinge diretamente 11.058 pessoas e dos quais, 89,6% são do sexo feminino e abrange 33% da população total, que sem o programa estariam em situação de extrema pobreza.

Diante do exposto, a população do município é em sua maioria formada por pessoas carentes, que mesmo diante da inserção de tecnologias, não têm acesso a elas, fazendo com que procurem meios para suprir suas necessidades tanto físicas quanto emocionais, mesmo com o município possuindo acompanhamento da agenda de saúde do ministério acima da média nacional, são 89,98 % para 79,71 %. O acesso ao município se dar pela PE 74 e BR

408, (via Nazaré da Mata) em meio a enormes plantações de cana de açúcar, tendo suas terras cortadas pelo Rio Siriji e cercada por resquícios de mata tropical.

Sua localização, afastada de grandes centros urbanos e de grandes hospitais, mesmo com a facilidade de acesso gerenciada pela Prefeitura Municipal com a gratuidade de transportes aos que não têm recursos, propicia a prática da medicina popular entre os mais velhos e naqueles que acreditam no poder da reza, da benzeção, pois são práticas que já estão inseridas no seu convívio. Dessa forma além da reza, se utilizam de plantas e de ervas na elaboração de chás para a cura dos seus males.

### **1.3-A Benzeção e a Atuação das Rezadeiras**

Benzer é um ato de tornar bento e na liturgia católica o verbo transitivo direto tem, dentre outros significados o de invocar, traçando o sinal da cruz no ar, ou ainda, santificar ou consagrar (coisa ou pessoa) ao culto de Deus, a ser favorável a, abençoar, bem-fadar. (HOUAISS 2010, *apud* BORGES, 2017,p.3)

Segundo Borges (2017, p.8) os processos de reza e benzeção trazem consigo um complexo sistema de trocas simbólicas que se expressam nas relações de solidariedade, construídas a partir dos diálogos entre os detentores destas práticas e seus beneficiários. Ou seja, quem vai buscar a atuação das rezadeiras para seus problemas requerem mais do que a cura física, mas um alento para seus problemas emocionais/ espirituais, além de proporcionar também conforto para quem está rezando.

Mendes (2018) vem corroborar com Borges (2017) a respeito dos processos de benzeção. Para ela, o processo de benzeção reforça laços de amizade e de confiança entre o que se beneficia e aquele que reza.

O ato de benzer, segundo Oliveira,E (1983) é constituído por quase todas as pessoas da sociedade, tanto na família quanto fora dela. Na família, avós, pais, tios, tias, benzem os netos, os filhos, os sobrinhos e assim respectivamente. Fora dela, as crianças eram ensinadas a pedir a bênção aos mais velhos, sendo este ou não da família.

O ato de benzer é constituído por todas as pessoas da nossa sociedade: pais benzem filhos, tios benzem sobrinhos, padrinhos benzem afilhados (...) no geral as pessoas se benzem. Na roça qualquer pessoa mais velha benze o mais moço. Assim é grande o conjunto de pessoas que dão bênçãos e se benzem na nossa sociedade, envolvendo desde aqueles que mantêm relações de parentesco, de amizade, até os profissionais da bênção. (OLIVEIRA, E. 1983, p.18).

Os profissionais da bênção ao qual a autora acima relata, são aqueles conhecidos por uma comunidade e /ou por uma região, que atuam e exercem seu ofício beneficiando a todos, sempre de modo gratuito ou em troca de agradados. Esta condição fica explicitada nas moradias e vidas simples que acompanham essas mulheres, sempre rodeadas por imagens de santos e de galhos de plantas em altares improvisados no canto da sala.

Sobre a gratuidade das rezas, tanto Oliveira, E (1983) quanto Oliveira, R (2016?) abordam em suas pesquisas esta questão. Enquanto que Oliveira, R. (2016?) diz que, “cada qual, de acordo com o que pode, paga a bênção recebida com um simples agrado, que não pode ser considerado um pagamento”, Oliveira, E (1983) diz que:

As benzedeadas nada recebem em dinheiro, como retribuição pela produção dessas benzeções. Esse ofício ainda não possui uma completa legitimidade social. As benzeções são mescladas por sentimentos de solidariedade e de amizade entre as benzedeadas e aqueles que as procuram. (OLIVEIRA, E. 1983, p.258)

Embora a maioria das rezadeiras atue de forma gratuita, confiadas por relações de amizade, Oliveira, E (1983) relata em sua pesquisa realizada na cidade de Campinas/SP, casos de pagamentos em dinheiro destinados para alguma ação em períodos como o natal ou para a comemoração festiva de algum santo.

Soube de casos em que foi pago a uma benzedeadas crente 200,00 e 300,00 quando, para ela, o mais comum era a retribuição com uma quantia que oscilava entre 20,00 a 100,00 (dados colhidos em dezembro de 79 e janeiro de 80). Na residência dessa benzedeadas presenciei um telefonema de uma cliente que marcava hora para ser atendida. A benzedeadas lhe solicitava uma quantia de 50,00 para o *natal dos pobres, para a distribuição de roupas e alimento.* (grifo do autor) (OLIVEIRA, E (1983) p.372)

Porém, conforme Oliveira, E. (1983, p.153) “(...) a atitude de benzer é vista como uma caridade, por que não tem pagamento o benzimento. Benzimento não se cobra. Essa caridade é revestida de um caráter místico, sagrado, relacionado aquele que possui o dom”.

Para Oliveira, E. (1983) o ato de benzer é, portanto, abençoar, solidarizando-se, ao mesmo tempo, com os deuses e com os sujeitos socializados. É suplicar aos santos para que eles produzam benefícios concretos aos homens. E é essa súplica aos santos e a resposta concedida por ela que está relacionada com a fé daquele que reza, fazendo com que a procura por essas rezadeiras se estabeleça durante anos após anos.

As rezadeiras de hoje, a exemplo de tantas outras do passado, ocupam um lugar de destaque e de confiança para todos os fies que visitam suas casas. Elas são senhoras da oração poderosa, suas preces possuem uma força que penetra e transforma a realidade e em contrapartida possuem uma concretização da experiência do mistério no dia a dia das pessoas. Rezam com fé e sua confiança contagia aqueles que se

predispõem a receber suas bênçãos contra vários tipos de mazelas. (GOMES, 2017 p.18).

#### **1.4-Caminhos para as práticas de bênçãos e curas**

As rezadeiras ou benzedadeiras, segundo Oliveira, R(2016?) são mulheres que usando de uma sabedoria ancestral acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. Para executar sua prática ritual de cura, elas fazem uso de vários elementos, como ramos de ervas verdes, gestos e imposição das mãos, agulha, linha, pano, tesoura, carvão, reza, copo com água, entre outros. (p.5) O ritual é geralmente executado na presença, no entanto, devido ao deslocamento das famílias, mesmo sem gostar, muitas também o fazem à distância.

Um ato de benção é aquele que geralmente é realizado em seu espaço residencial, quase nunca no domicílio do cliente, com um apequena ou grande privacidade, ou com ausência total dela; envolve a utilização de alguns elementos básicos da natureza (sal, água, plantas) e a invocação das entidades sagradas (deuses e demônios) para conseguir auxílios imediatos para os clientes. (OLIVEIRA, E. 1983, p.134)

De acordo com Oliveira, R(2016?) apesar da maioria dessas mulheres admitirem que aprenderam o ofício com parentes próximos como as avós, as mães, as tias, sogras etc, há aquelas que afirmam terem adquirido o conhecimento sozinhas, que descobriram que tinham o dom espontaneamente num momento de necessidade da própria família ou de amigos. (p.5). Há, no entanto, ainda, aquelas que foram ensinadas ou quiseram ser ensinadas, por alguém da família ou por um vizinho idoso e, geralmente quando estavam na fase de criança.

Desse modo, o benzimento é visto por Oliveira, E (1983) como uma transmissão assistemática, mediadas por valores culturais.

(...) um modo de transmissão assistemático, integrado, porque se articula aos conhecimentos da vida, do trabalho- não raro, manual- e das relações sociais dessas populações que são dominadas material e culturalmente. Esse modo de transmissão de aprendizado não é regulado pelos valores de troca comercial, mas sofre a sua influência, especialmente da cultura de massa. (BOSSI, 1972 *apud* OLIVEIRA, E, 1983)

Em relação ao auto aprendizado, ou seja, ao aprendizado autodidata, aquele que a rezadeira aprendeu sozinha, Oliveira, E. (1983, p.203) vem falar que esse aprendizado é um traço fundamental para o entendimento sobre as práticas das rezadeiras.

O aprendizado autodidata na benção é um traço fundamental para entender a benzedeira. Nesse tipo de aprendizado, cabe a ela a busca pelo saber fundamental e

complementar a sua prática, quando assim o julgar necessário. Ela buscará conhecer orações e jaculatórias específicas para males como simioto, cobreiro, caxumba, dor de cabeça, quebranto, mau-olhado, para localizar objetos perdidos. (OLIVEIRA, E. 1983, p.203)

Esse tipo de aprendizado é o mais comum, diz Oliveira, E. (1983, p.201) na passagem dos conhecimentos e regras referentes à benzeção no contexto familiar, quase sempre traçada pela matrilinearidade contínua, que é quando a mãe os transmite à filha, a tia materna à sobrinha, as vezes, a sogra à nora e a prima materna à outra, e de acordo com a autora citada, semelhante a iniciação que as bruxas voadoras estudadas por Malinowski faziam às crianças do sexo feminino.

Ainda, segundo Oliveira, E. (1983, p.239), “as benzedoras possuem uma trajetória de iniciação muito singular, podendo variar de agente para agente, visto fundar-se numa experiência de cunho individual”. Ou seja, cada rezadeira age por si só, mediada unicamente por seu interesse na apreensão do conhecimento e das técnicas que irão suprir as necessidades daqueles que as procuram. Não há regras e nem conhecimentos pré-estabelecidos.

Para aprender o ofício da benzeção, de acordo com Oliveira, E. (1983, p.239), as rezadeiras “buscam sempre, por conta própria, enriquecer e ampliar o acervo de técnicas e conhecimentos, os quais são integrados pelas simpatias, massagens, jaculatórias, banhos, chás, aconselhamentos, prescrições, (...)”

O ato de transmissão desses segredos não é condicionado a uma metodologia rigorosamente codificada. É acompanhado pela passagem simultânea de valores morais e religiosos, ensinamentos de vida, sentimentos e concepções diversificadas, valores que versam sobre amizade, alimentação, educação de filhos, compras, casamentos, nascimentos, compadrio. (OLIVEIRA, E. 1983, p.204)

No entanto, Cunha (2017, p.77) diz que “faz-se necessário uma referência ao segredo da benzeção: há uma confiança na magia das palavras desconhecidas e muitas vezes, a recusa em ensiná-las refere-se ao fato de que foram transmitidas sobre essa condição de não revelação”.

Essa recusa do ensinamento foi encontrada por Cunha (2017) em sua pesquisa na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. O repasse dos ensinamentos, segundo as rezadeiras, não poderia ser realizado entre uma mulher e outra, pois corria o risco de não beneficiar nem uma e nem outra, nem a quem ensinava e nem a quem aprendia, além de ter o poder da reza ameaçado, extinto. Rezadeiras mulheres, segundo elas, só podem passar o conhecimento de suas rezas para alguém do sexo masculino e vice-versa.

Sobre isso, lembro-me das conversas do meu avô Calixto, que faleceu aos 92 anos de idade. Natural do estado da Paraíba, ele veio de uma linhagem de rezadores (rezavam para

engasgo, para chover, etc) e que, apesar de rezar os filhos não rezava “para fora”. A única condição de ele ensinar algumas rezas como a do Pai Nosso Pequenino e a do Pesadelo, era nunca ensinar a nenhuma mulher, seja ela mãe, irmã, amiga. A reza, ditada por ele, tirada da memória, era escrita no papel para ser decorada e apreendida e o papel rasgado logo após o objetivo, para evitar que outras pessoas pudessem ler e diminuir assim o poder da reza, ou seja, a concretização dos seus feitos.

Para Cunha (2017, p.58), “a benzedeira trata, benze e cura, sendo intermediária entre o homem e o sagrado e por isso, deve conservar escrupulosamente esse saber ritualístico”, ou seja, guardar os mistérios que envolvem os planos terrestres e divinos. Para a autora citada acima, a “benzedeira é uma intermediadora com o sagrado pelo qual se tenta obter a cura, estando esta também relacionada ao seu prestígio social”. (p.32)

O poder da benzedeira, segundo Oliveira, E (1983, p.437) “advém de uma crença na existência de uma justiça sagrada, a justiça elaborada pelos homens, estruturada com base no conhecimento de escritura, enquanto aquela é próprio fundamento do conhecimento de missão”.

Sabe-se, no entanto, que a maioria das rezadeiras são proveniente do meio rural, trabalhadoras da roça, que desde cedo lutam pela a sua sobrevivência e de sua família. Essas mulheres, segundo Oliveira, R.(2016?, p.4) “sabem a linguagem e o segredo das plantas e dos elementos da natureza, todos muito bem guardados na memória”, adquiridos ao longo dos anos através de relatos e de experiências vividas.

Tais práticas, segundo Cavalcante (2006, p.18) se constituem em um grande sistema de crenças e valores em torno do processo saúde-enfermidade-atenção. Para Cavalcante (op.cit, p.18), o atendimento aos doentes é obrigatório e possui regras implícitas. Entre as principais estão àquelas presentes em toda economia da dádiva: o atendimento, o favor e a ajuda são sempre concessões aparentemente generosas, desinteressadas.

A bênção da benzedeira, mais que tudo, é a expressão concreta do poder peculiar que ela acumula nesse ato e significa criar as condições necessárias à remoção do mal ou removê-lo efetivamente, se o perigo ou a tragédia forem pequenos. É uma forma de proteção, de apaziguamento dos homens que, nas suas relações concretas, depara-se com ameaças, castigos, desencontros, infortúnios, aflições. Curar, por outro lado, implica uma prática que demanda a realização de novena, banhos, massagens, além do ato da benzeção, parte da cura. (OLIVEIRA, E. 1983, p.134).

## **1.5 - A reza como forma de resistência**

São símbolos de tradição e resistência nas comunidades e através de uma rede de relações seguem um modelo de vida que as leva a enfrentar quaisquer adversidades, sejam de que ordem for. Por isso ao serem agredidas por evangélicos se compadecem deles e rezam ainda mais. (OLIVEIRA, R.2016? p.4)

Essa definição das rezadeiras feita por Oliveira, R (op.cit.) nos faz lembrar de todo o processo de dizimação sofrida pelas mulheres que realizavam a cura na antiguidade, sendo estas tachadas de bruxas e mortas em fogueiras ainda vivas, julgadas pela Igreja Católica por não se enquadrarem dentro dos dogmas estabelecidos por essa instituição.

Embora nos dias atuais não haja Inquisição e nem fogueiras, as rezadeiras, principalmente as que moram nas cidades, sentem-se acuadas, sendo muitas vezes agredidas por praticantes de outras religiões, verbal e fisicamente, vistas como malfeitoras e disseminadoras do mal, macumbeiras e outros adjetivos ofensivos.

Porém, Oliveira, E. (op.cit.) em sua pesquisa na cidade de Campinas/SP, visualiza o processo de benzeção como sendo práticas sociais necessárias que servem como respostas as necessidades da população.

O processo de benzeção são práticas sociais realizadas não por pessoas isoladas que fazem o seu trabalho as escondidas na periferia das cidades, mas por especialistas populares de cura que oferecem respostas compromissadas para os da sua classe social por uma espécie de união com os excluídos. (OLIVEIRA, E. 1983, p.68)

Essa visão, portanto, visualizada pela referida autora não existe mais. Ela foi suplantada em quase quatro décadas, com o aparecimento de outras religiões e outras doutrinas em busca de expansão.

De acordo com Oliveira, R.(2016?) o surgimento das igrejas neopentecostais e suas doutrinas visando expandir suas igrejas e o número de adeptos, liderou um movimento contra as religiões africanas e que entrevistou, sobretudo, na doutrina de cura divina e da libertação, ganhando assim mais visibilidade, surgiram diversas denominações religiosas e passaram a ser chamadas muitas vezes de “igrejas de cura”.

O neopentecostalismo parte da crença de que é necessário investir esforços para eliminar a presença e a ação do demônio no mundo. O problema é que classificam as religiões afro-brasileiras como espaços privilegiados de culto e ação do demônio e seus adeptos como representantes e disseminadores do mal. (OLIVEIRA, R.2016?).

Sobre isso, D’Almeida (2018, p.6) diz que “algumas estratégias são empregadas por elas para lidarem com os riscos que envolvem suas atividades e como o estigma de macumbeiros que os cerca. Uma delas é “benzer escondido”. Outra seria buscar o reconhecimento estatal”.

Esse reconhecimento já vem acontecendo em alguns estados do Brasil como no Paraná (PR) e no Ceará (CE). No Paraná, segundo D’Almeida (2018) um grupo de benzedeadas estão organizadas desde 2008 em torno do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), conquistando o direito de praticarem seu ofício por meio de uma lei municipal que reconhece os ofícios tradicionais de saúde.

Já no Ceará (CE), mais especificamente na cidade de Maranguape, segundo Cavalcante (2006) grupos de profissionais da saúde participam do Programa “Soro, raízes e rezas” juntamente com rezadeiras que foram capacitadas e incorporadas dentro dos Postos de Saúde da Família (PSFs) e agem em conjunto com os agentes comunitários de saúde ministrando, além da reza, soros e aconselhamentos. As rezadeiras são divididas em grupos que são distribuídos aos agentes por região, sendo identificadas por desenhos como sol, lua, meia lua e estrela.

Quando se fala em rezadeiras/benedeadas a nossa imaginação nos remete à personagens da infância, em que mágicos, bruxas e fadas habitavam um imaginário distante, numa luta entre o bem e o mal, cercado de mistérios e fantasias.

No entanto, apesar das rezadeiras/benedeadas enredarem-se por caminhos que ora transitam no lado físico humano, ora transitam no sobrenatural, Oliveira, E.(op.cit.p.137) vem dizer que” o substrato da sua prática é predominantemente religioso e não mágico, mas o seu exercício, tal como ocorre, do ponto de vista sociológico, tem mais a ver com a magia do que com a religião”.

Apesar de ter sua prática voltada para o cunho religioso, com a utilização de rezas e orações tradicionais, em sua maioria, do catolicismo, as rezadeiras/benedeadas de acordo com autora citada acima (p.134), elas não se organizam em corporações religiosas. Elas são praticantes liberais, atuando numa relação direta com a clientela, sem intermediários. Ou seja, não atuam por meio coletivo e nem com a mesma forma de rezas e orações. Cada rezadeira utiliza seus conhecimentos da melhor forma para atingir seus objetivos.

Sobre essa diferenciação, Cunha (2017, p.20) vem dizer que, “(...) mesmo existindo muitas diferenças entre técnicas, rituais e religiosidades das benzedeadas, os saberes de cura e sua vivência como ofício, exemplificam a mesma prática que parte da poesia do cotidiano”. Para Cunha (op.cit. p.69) “o benzimento em suas diversas formas e ligações que as benzedeadas possam desenvolver com a religiosidade, ultrapassam qualquer filiação religiosa”.



A categoria de benzedor, segundo Oliveira, E (1983, p.80), é articulada ao conjunto de possibilidades de bênçãos ou de cura, culturalmente definidas. O benzimento se coloca ainda como uma prática que repara o bem e o mal, exorciza todos os seres vivos (homens, animais e plantas) e fortalece as relações sociais. Despertadas para o ofício da benzeção, através do “chamamento”, que é segundo Oliveira, E (op.cit.p.178) “quando ela se descobre vocacionada para praticar o bem”, as rezadeiras/benzedoras agem em prol do equilíbrio e da felicidade da comunidade com o objetivo de produzir respostas para problemas reais e emocionais do cotidiano.

Elas despertam para os seus segredos, mistérios e estratégias descobrindo-se vocacionadas para executá-las, cumprindo desse modo, uma necessidade, a necessidade de criar laços, pactos e contratos com os deuses do sobrenatural e com os homens no social. (OLIVEIRA, E. 1983, p.184)

Ainda, conforme essa autora (op.cit.p.352) “o móvel concreto da procura por atendimento popular é a busca de respostas a problemas, incertezas, doenças, indagações e ansiedades pessoais, familiares ou de terceiros, (...)”. Sobre as benzeções, Oliveira, E. (1983) vem dizer que elas são vistas como a conquista e preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que seja ao saber erudito. Tal resistência se faz na nossa sociedade através de um processo permanente de embate entre as diferentes classes sociais, dominantes e dominadas e os seus especialistas correspondentes.

Diante do exposto, conclui-se que tanto as rezadeiras quanto as benzeções são fatores importantes na preservação das práticas e dos saberes tradicionais populares, indispensáveis ao ser humano enquanto agentes sociais dentro da comunidade, principalmente no que diz respeito a manutenção das relações sociais e familiares.

## CAPÍTULO 2 - AS REZAS E AS CURAS

Deus te criou (nome), Deus te generou, O olhar de quebranto deste mal Deus te curou. Se foi na tua gordura, ou na tua formosura. Nas tuas carnes ou na tua feiura, nos teus olhos, nos teus cabelos, no teu comer, nas tuas carnes, na tua disposição, na tua boniteza, no teu trabalho, na tua inteligência, no teu consentido ou no teu pensamento, se foi em terra. Se for má vantagem que seja saído, que seja tirado, com o poder de Deus e da Virgem Maria. Amém.

A reza acima é uma das proferidas por Dona Rita contra o quebranto<sup>9</sup>, extraído do documentário O Ramo (2009) produzido por Flávio Alex Farias e realizado no estado da Paraíba/PB sobre as rezadeiras de Boa Vista, mulheres que dedicaram suas vidas para o ofício da benzeção. Segundo o documentário O Ramo (2009), algumas dessas mulheres, aprenderam o ofício sozinhas, observando aqueles que rezavam. Outras aprenderam com familiares e, ainda, teve aquelas que tiveram a iniciativa de rezar como um último recurso para a cura de seus filhos e filhos dos vizinhos dentro da sua comunidade.

Existem, segundo Oliveira, E. (1983, p.203) “três modos usuais da benzedeira católica receber os fundamentos de sua formação: a) por iniciação com os familiares; b) por uma iniciação com os vizinhos e amigos e c) por uma iniciação autodidata”.

De acordo com Oliveira, E (op.cit, p.273, vol. II) existem na visão das benzedadeiras duas categorias de doenças: as doenças de médico e as doenças das rezadeiras. Segundo esta autora, as doenças de médicos constituem-se em problemas crônicos ou em doenças graves, para as quais elas não desenvolveram forma de combate.

Essas doenças são consideradas pela benzedeira como casos mais graves que, atingindo o espaço físico total do corpo, possuem um curso irreversível, comprometendo suas funções vitais. Envolve noções ligadas à necessidade de antibióticos, antialérgicos, calmante, intervenção cirúrgica, crise (às vezes bronquite e ataque) e os conceitos de febre, contágio, varizes, remédios, coceira e repouso. (OLIVEIRA, E. 1983, p.273)

Já as doenças de rezadeiras, segundo a referida autora, caracterizam-se como aquelas ligadas ao espírito, a alma e as tragédias do cotidiano como: falta de emprego, desilusão amorosa, falta de sorte, desânimo, inveja, olho gordo<sup>10</sup> e outras.

Sobre isso, Cunha (2017, P.71) vem dizer que as “doenças curadas pelas benzedadeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo”.

<sup>9</sup> Ocultismo- efeito malévolo, segundo a credence popular, que a atitude, o olhar, etc. de algumas pessoas produzem em outras.

<sup>10</sup> Pessoa que é invejosa ou cobiça exageradamente o que pertencem a outrem (Dicionário online de Português)

Farinha (2012), no entanto, vem dizer que as doenças são entendidas pelas benzedeadas como uma espécie de castigo pela ausência do contato com Deus, principalmente as de origem espiritual, tendo o benzimento a incumbência de restabelecer o contato e manter o equilíbrio entre eles.

Ainda segundo Farinha (op.cit.p.78), “a benzedead controla as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem de modo que benzer é garantir o funcionamento da normalidade e conter o mal”.

Porém, de acordo com Oliveira, E (1983, p.388) as benzedead acreditam que as manifestações dos espíritos sobre os incautos podem trazer sérias perturbações e produzir fenômenos que a medicina erudita classifica como loucura Não é incomum encontrar estórias relacionadas a isso em municípios pequenos do interior. Alguém já conheceu outro alguém que ficou louco por que um espírito mal se apossou do corpo dele ou dela.

Desse modo, alma, espíritos, guias, santos, entidades que habitam o mundo das sombras – a sociedade dos mortos- estabelecem comunicação com as benzedeadas que representam junto a eles os interesses dos homens socializados (OLIVEIRA, E.1983, p.387).

Embora Oliveira, E. (1983) detalhe em suas pesquisas vários tipos de benzedeadas como, benzedeadas católicas, crentes, kardecistas, esotéricas, umbandistas e outras, aqui será abordado o papel da benzedead católica que, juntamente com as rezas criadas para atender determinado problema, também usam as rezas e as orações oficiais institucionalizadas pela Igreja Católica como o Pai Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha, o Credo entre outras.

As rezas das benzedeadas segundo Oliveira, E. (1983) podem ser classificadas em quatro tipos, de acordo com os modos como são executadas: a oração institucional – aquelas utilizadas na Igreja como a Ave Maria, o Glória ao Pai e o Credo; a oração popular- recurso da própria cultura, de onde ela provém (...) constituem-se num arsenal de técnicas vividas e historicamente acumuladas no saber popular e devem ser conjugadas com as institucionais; a recriação das orações e as orações construídas espontaneamente.

Tradicionalmente, as práticas de benzeção entre as rezadeiras católicas envolvem tanto as orações criadas quanto às institucionalizadas, sendo o Pai Nosso e a Ave Maria as mais utilizadas, além do Credo e da Salve Rainha.

Vou te rezar em Nome do pai do Filho e do Espírito Santo (sinal da cruz)  
(Nome da pessoa), se tu tens olhado ou quebranto, se botaram na feiura, na tua boniteza, na tua magreza, na tua gordura, no tua vontade de comer, na tua vontade de beber, por que não me disseste que eu tirarei em nome de Jesus. Pai Nosso que estás no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o vosso reino Seja feita a tua vontade Aqui na terra como nos céus O pão nosso de cada dia, nos daí hoje Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos d e todo o mal. Amém Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres, Bendito é o

fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém Assim como Jesus foi salvo e santo, trazei (nome da pessoa) curada de todo o mal. Olhado sai-te daqui, quebranto sai-te daqui, olho grande sai-te daqui que a cruz de Jesus anda sobre a ti. Vai- te olhado para as ondas do mar sagrado. Amém  
(oração contra o quebranto proferida por D. Irene- Vicência /PE)

A benzeção, dependendo do grau e intensidade do mal, deve ser realizada três vezes, durante três dias, até o por do sol. Os ramos utilizados são jogados pelos consulentes ou pelas rezadeiras, por cima do ombro esquerdo e sempre com a mão esquerda, para que ela não corra o risco de pegar novamente a enfermidade retirada.

Segundo Oliveira, E. (1983, p.154) pode “o benzimento ser realizado em três vezes (o que é mais comum), em nove vezes (novena) e num único dia, uma única vez”.

Embora o ofício da benzedeira, segundo esta autora (op.cit. p.434) carregue na sua definição a identidade de ser um modo popular alternativo de produzir soluções para as diferentes tragédias e, por isso mesmo, e concorra com o trabalho do médico e do padre. Na prática, porém, essa concorrência não é bem vista nem por um e nem por outro. Para o padre só os detentores legais da igreja podem benzer, assim como só os médicos podem oferecer as alternativas de cura cientificamente comprovadas.

No entanto, não adianta apenas rezar, é preciso ter fé na reza, acreditar no poder da oração e na legitimação da rezadeira, construída pela capacidade de sua comunicação com os santos e entidades sagradas.

Para isso, Oliveira, E. (1983, p.355) diz que para açambarcar uma grande quantidade de cliente é necessário que a benzedeira tenha oferecido a prova de que é grande a sua capacidade de comunicação e de manipulação das entidades sagradas, mobilizadas ritualmente para a benzeção e para a cura. Ou seja, a reza tem que funcionar, o bem tem que ser alcançado.

A fé do consulente, segundo as autoras Oliveira, E (1983), Cunha (2017) e Suida-Ambroziak (2018) são essenciais para o sucesso da cura. Se não tiver fé, a oração, a reza, não é alcançada, fazendo com que a rezadeira não seja mais procurada pelo cliente e pela comunidade a qual faz parte.

Assim, segundo Oliveira, E. (1983, p.353) a fé do cliente e o seu espírito de luta para a concretização da solução a que aspira parecem ser, na visão da benzedeira, elementos que devem estar conjugados.

A procura pelo benzimento vem buscar, não apenas, o alívio físico para as doenças, mas uma satisfação espiritual, em que as orações, geralmente faladas, podem ser entendidas

pelo consulente ou não, pois muitas vezes são ditas de forma sussurrada, inaudíveis, seguidas de movimentos com as mãos e outros gestos.

As orações faladas pelas rezadeiras, segundo Suida-Ambroziak (2018) são essenciais, uma vez que a palavra é fundamental, mas elas utilizam também vários instrumentos como faca, agulha, etc. Como exemplo do uso de agulha, temos a oração para nervo torto e ossos desconjuntados, em que a rezadeira com a agulha e um pedaço de tecido vai introduzindo a agulha e rezando.

Nervo torto, nervo desconjuntado, com a força de São Veloso assim mesmo eu cozo. Pai Nosso que estás no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o vosso reino Seja feita a tua vontade Aqui na terra como nos céus.

O pão nosso de cada dia, nos daí hoje Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de e todo o mal. Amém. Ave Maria, cheia de graça. O senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus .Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém. Salve! Rainha Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós brandamos, os degredados de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosa nós voltei. E, depois deste desterro, nos mostrai Jesus, bendito fruto do Vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém!

(oração para nervos e ossos desconjuntados feitos por D. Irene – Vicência/PE)

Como dito anteriormente, cada rezadeira relaciona a sua oração com o seu objetivo, não havendo um padrão ou lei estabelecida e a ser seguida. As orações, resguardadas por algumas a sete chaves<sup>11</sup>, guardam seus mistérios e suas magias a curiosidade do olho alheio.

As narrativas, segundo Jovchevitch e Bauer (2008 *apud* Suida-Ambroziak, 2018), não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas, expressam a verdade de um ponto de vista de uma rituação específica no tempo e no espaço. As rezas são atemporais, vindouras de geração para geração e englobam saberes e fazeres de um povo que tinha as divindades e a natureza como aliada, sol, ar, vento e água podem tanto fazer bem quanto fazer mal ao ser humano, como por exemplo, temos as dores de cabeça causadas pelo sol, e que são retiradas por rezadeiras.

Dessa forma, Ngokwey, (1982, p.141, *apud* Santos, 2006) vem dizer que doenças como tosse, resfriado, tuberculose, cefaleias, ar do vento, dentre outras, são provocadas pela relação do homem com seu mundo natural (tempo, vento, poeira, frio, umidade calor).

Dor de cabeça, dor de pontada, dor de mulesta quente, dor de mulesta fria, ramo da noite, ramo do dia, inflamação e má vontade para as ondas do sagrado. Pai Nosso que estás no céu, santificado seja o Vosso nome,

<sup>11</sup> Guardar a sete chaves é uma expressão popular da língua portuguesa, utilizada no sentido de “algo que está muito bem protegido” ou “um segredo muito bem guardado”.

Venha a nós o vosso reino Seja feita a tua vontade Aqui na terra como nos céus O pão nosso de cada dia, nos daí hoje Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal. Amém Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus .Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém . Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra E em Jesus Cristo Nosso Senhor, Que foi concebido pelo poder do Espírito santo Nasceu da Virgem Maria, Padeceu sob Pôncio Pilatos, Foi crucificado, morto e sepultado, Desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, Subiu aos céus, está sentado a direita de Deus pai todo o Poderoso, De onde há de vir julgar os vivos e os mortos, Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na Comunhão dos santos, Na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém. Salve, Rainha Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós brandamos, os degredados de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosa nós volvei. E, depois deste desterro, nos mostrai Jesus, bendito fruto do Vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

(oração para curar dor de cabeça causada pelo sol proferida por D. Irene)

As orações e rezas ofertadas de maneira gratuitas pelas rezadeiras se estabelecem através de processos simbólicos e da interação com os deuses e divindades com o qual a rezadeira tem proximidade e intimidade para realizar os pedidos de cura, misturando elementos de sua cultura e de sua tradição, adquiridos ao longo de sua vida.

As práticas de benção demonstram a postura ativa dos fiéis religiosos que, ao assimilarem a cultura religiosa, reinterpretam e recriam as práticas tradicionais do catolicismo. E assim, surge o leigo que, ao valer-se de elementos da doutrina católica, desenvolve formas de cura por meio de bênçãos, criativamente enriquecidas de elementos de outras formas religiosas, como as indígenas e africanas. (FARINHA, 2012, p.30)

De acordo com Oliveira, E (1983, p.394,) as rezas das benzedadeiras, contêm um princípio de retroação dos males, isto é, nelas estão presentes os pedidos de uma realização, já que elas possuem a função específica de nomear os deuses para que abandonem momentaneamente a sociedade dos mortos e venha estabelecer reciprocidade com os vivos suplicantes.

## **2.1-As plantas: grandes aliadas no processo de cura**

As plantas são as grandes aliadas das rezadeiras para o combate de diversos males, seja ele físico ou espiritual. Cultivadas nos quintais de casa, em vasos ou em pequenos espaços, elas atendem a comunidade em geral, que engloba os vizinhos, os conhecidos e

principalmente, a família, sendo utilizadas para o uso de chás e de banhos, além da utilização para o benzimento.

Esse conhecimento sobre o uso de plantas vem se resguardando de geração para geração e vem persistindo através dos tempos. Plantas como arruda, manjerição, alecrim, aroeira, hortelã, pinhão, anador e tantas outras, vêm servindo ao longo do tempo como auxiliares para a cura de diversos males como, inflamações, dores causadas por quedas, dores causadas por mau jeito de dormir, resfriados, mal-estar, etc.

Um dos exemplos é a aroeira (*myracrodurion urundeuva*) que segundo Santos (2006) já teve sua eficácia comprovada no tratamento de feridas, no processo inflamatório do corpo e no processo de cicatrização pós-parto. Assim, a aroeira é muito indicada pelas rezadeiras no trato de inflamações femininas, cujo tratamento inclui assentos quentes e pequenos goles de chá, feito a partir da casca dessa planta.

Outra planta que se destaca entre as rezadeiras, ainda de acordo com Santos (2006) é a arruda (*ruta graveolens*), de cheiro forte, essa planta segundo este autor, tem sua eficácia comprovada no tratamento de varizes, asma, pneumonia e cefaleia (dores de cabeça). Em se tratando de curas espirituais, a arruda é indicada para a cura do mau-olhado, do quebranto e de banhos de descarrego. Acredita-se, segundo as rezadeiras, que um galhinho de arruda atrás da orelha, espanta o mau-olhado.

Já o manjerição, é utilizado na medicina popular para dores de ouvido, sendo suas folhas enroladas e colocadas no orifício do ouvido. Essa é uma prática comumente vista entre as pessoas mais velhas, que usam os elementos da natureza em prol do seu e do bem-estar alheio.



Figura Imagem 1 – Pinhão Roxo(Fonte: internet)



Figura Imagem 2 – Arruda (fonte:internet)



Figura Imagem 3 – Manjerição (fonte:internet)

No entanto, é importante frisar que existe uma certa distinção teórica entre rezadeiras e raizeiras<sup>12</sup>. Enquanto as rezadeiras fazem uso de rezas e indicações de chás e banhos para os males, as raizeiras comercializam os produtos extraídos e confeccionados das partes das plantas como, raízes, cascas e folhas, mergulhadas em vinho ou outro tipo de bebida, geralmente alcoólica, e conhecidos popularmente como garrafadas. As garrafadas são feitas a base da mistura de diversas ervas, de diversas plantas e indicadas para o tratamento de várias doenças, tanto do corpo quanto da alma. É comum o uso de garrafadas para o alcoolismo, para quedas e para dores diversas (barriga, estômago, cabeça, coluna, etc).

Sobre o uso de chás e banhos na benzeção, Oliveira, E (1983) vem dizer que com a modernidade essas práticas foram recriadas, estabelecendo-se como reconstrução da cultura popular.

Na benzeção despontam situações em que os chás, as garrafadas, as massagens e os banhos começam a ser recriados; outras soluções “mais rápidas” vão sendo introduzidas e tornam-se parte do espectro de opções das ferramentas de trabalho manipuladas pelas rezadeiras. É o fenômeno da urbanização das práticas de benzeção, ou seja, uma nova reconstrução da cultura popular.(OLIVEIRA, E.1983, p.400).

Portanto, conforme Santos (2006.p.8), os chás e os banhos, à base de ervas, raízes e plantas medicinais, “além das rezas, orações e outros rituais curativos faziam parte das inúmeras estratégias das quais muitas pessoas se serviam para superar as dificuldades sociais, econômicas e espirituais”.

A doença, segundo este autor (op.cit. p.4), não é resultante apenas do estado biológico da pessoa, mas a sua condição é construída como resultante possível de uma variedade de fatores patogênicos abrangendo diferentes aspectos, níveis e dimensões de relações do indivíduo em seu meio. A doença, nesse caso, seria produto e consequência do meio social ao

---

<sup>12</sup> Os Raizeiros fazem parte das populações tradicionais e são pessoas que geralmente sobrevivem comercializando plantas medicinais, apresentam conhecimentos empíricos para identificar, coletar, preparar e indicar plantas como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade, conforme Silva (2016, apud Oliveira, 1985)



qual o ser humano está inserido, acarretando prejuízos a vida humana tanto no lado físico quanto no lado espiritual.

Assim, para Farinha (2006, p.40), na concepção popular, um malefício originário de um feitiço poderia ocasionar danos corporais, sendo assim, nada mais natural do que recorrer aos rituais mágicos para colocar fim a dor e/ou ao sofrimento.

Nesse contexto, a busca para a cura de males por parte dos doentes físicos e espirituais muitas vezes misturam concepções, tanto da medicina tradicional, aquela praticada por médicos e com resultados provados cientificamente, quanto da medicina popular, aquela realizada por rezadeiras, benzedoras, curandeiros, raizeiros e outros representantes que a cultura popular abarca, em prol de um único objetivo: a cura. Esta última, embora não tenha comprovação científica, tem a comprovação por quem usa, atestando para uma comunidade a sua eficácia.

Os métodos dos tratamentos populares constituem-se em práticas que aglutinam pessoas em torno do saber popular sobre os chás, as plantas, fomentando a reutilização das relações sociais e simbólicas, ao possibilitarem uma comunicação entre as pessoas a partir de experiências concretas (OLIVEIRA, E. 1983, p.289)

Dessa forma, de acordo com Oliveira, E. (1983, p.258), na medida em que elas próprias começam a acreditar no seu benzimento e a falar sobre ele com outras pessoas, torna-se conhecidas e procuradas pelos vizinhos, conhecidos e amigos, abrindo à sua comunidade uma prática originalmente intramuros.

Os ensinamentos e aprendizados, tanto em relação as rezas quanto em relação ao uso das plantas eram feitos sempre pela oralidade, tanto dentro da família quanto fora dela, aglutinando todos os sentidos como a fala, a audição, o tato, o olfato. Sobre isso, Santos (2006) nos mostra que os sentidos eram as principais fontes de entrada para o conhecimento.

As apreensões pelos sentidos humanos eram partes indispensáveis das etapas de aprendizagem, enfim, da tradição oral. O olhar (visão), o falar (boca-a palavra), o ouvir (audição, além do olfato (nariz) e do tato (mãos) eram elementos importantíssimos na trama da tradição oral (SANTOS, 2006, p.9)

Conforme Mendes e Cavas (2017), a utilização dos saberes tradicionais começa desde a identificação das moléstias até o tratamento, que engloba rezas, chás, banhos e unguentos, conhecido através de várias gerações.

Da identificação das moléstias ao tratamento com rezas, chás, banhos e unguentos preparados com as ervas colhidas especificamente, para cada caso, nos quintais de suas casas, utilizam-se de seus saberes tradicionais repassados pela oralidade através de gerações. (MENDES E CAVAS, 2017, p.3)

A respeito dessa oralidade, Cunha (2017, p13) defende que “é por meio da transmissão oral e da observação de outros benzedores que estas recebiam e manifestavam o dom e

o apoio místico das rezadeiras foi, é e será um alento em meio ao sofrimento físico, emocional e espiritual. (GOMES, 2007.p.28)

Assim, de acordo com Farinha (2012) não resta dúvida de que a relação entre a medicina tradicional e a medicina popular ajuda na construção mútua e cria novas práticas que são assimiladas pelas pessoas e transformadas de acordo com a sua vivência, experiência e visão de mundo.

Não obstante, é inegável a comunicação entre o popular e o oficial, que se constroem mutuamente. Contudo, o povo possui autonomia em suas manifestações culturais, criando suas próprias práticas ou dando as práticas oficiais novos contornos. (FARINHA, 2012, p.15)

Portanto, esse reconhecimento aos saberes e a medicina popular não é recente. Durante os anos 70, o apoio da medicina popular no acolhimento e na cura das pessoas foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e recomendado por ela aos países subdesenvolvidos e também partilhado, segundo Oliveira, E (1983, p.94) pela Declaração de Alma-Ata datada de 1978, para que valorizassem os seus curandeiros, como parte de uma perspectiva que pretendia garantir um razoável nível de saúde até o ano 2000.

O processo de socialização da benzedeira popular urbana envolve crise de vida, sofrimentos, provações, abluções, condições que transformam-na em sujeitos especiais, conhecedora dos segredos da natureza, das ervas e das plantas medicinais e dos truques para lidar com o sobrenatural e o social, sendo reconhecida pela comunidade. (OLIVEIRA, E. 1983, p.248)

Esse processo de socialização das rezadeiras, defendido pela autora, também é visto por Cavalcante (2006) como um processo contínuo de construção social, que não se atém apenas as tradições e aos rituais.

(...) as práticas de cura popular são entendidas, não como uma tradição que se mantém através de um conjunto de rituais que se repetem, mas como uma construção social contínua, por estar inserida numa sociedade sempre em movimento, já que a realidade é dinâmica e não se repete na totalidade dos fatos. (CAVALCANTE, 2006, p.24)

Além disso, por serem idosas e donas de conhecimentos e saberes tradicionais, essas mulheres conquistaram o respeito da comunidade, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, principalmente. Segundo Farinha (2012, p 41) a presença feminina no campo da saúde é justificada, nesse compêndio, por dois motivos principais. O primeiro, pela sua função maternal; e o segundo, por seu pudor. É justamente pelo segundo motivo, conforme a autora, que as mulheres deixavam de procurar a medicina e se apoiavam nos conhecimentos das mulheres mais velhas de sua comunidade.

Isso, porque no cotidiano doméstico, segundo Cavalcante (2006, p.60), “a mulher notadamente, esposa-mãe, é o principal agente de saúde. É a mulher quem detêm os saberes

aprendiam o ofício”. E é justamente essa oralidade que faz com que o resgate das memórias dessas mulheres se torne ponto chave para a preservação dessas práticas, pois segundo Cunha (2017, p.15), “essas mulheres, hoje com mais de 70,80 ou 90 anos, já não são encontradas tão facilmente (...)”, o que é também defendido por Borges (2017, p.6), uma vez que segundo ele, esse resgate atua em benefícios da comunidade, uma vez que a conservação da memória individual e coletiva gera visibilidade para os sujeitos envolvidos.

## **2.2-Diálogo entre a medicina tradicional e a medicina popular no Brasil**

Embora a medicina tradicional tenha entrado em atrito com a medicina popular no período do surgimento da ciência e das faculdades de medicina no Brasil, estabelecendo regras de que apenas médicos podiam receitar legalmente remédios para a cura das mazelas da população e taxando os curandeiros e rezadores como charlatões, a visão em torno da medicina popular vem mudando em alguns lugares do país.

A questão da medicina popular, conforme Oliveira, E. (1983, p.93), é que ela atua como um conjunto de diferentes formas de cura desenvolvidas a partir da cultura popular em confronto com a medicina dominante na década de 70 e enfatiza dois aspectos: o primeiro é que a medicina popular se articulava com outras opções de cura em sociedades capitalistas dependentes e como alternativas a ela, e o segundo aspecto é o das suas relações internas e da lógica de sua produção, formada por agentes isolados ( benzedeiras, curandeiras, parteiras) ou institucionalizados (médiuns, pastor, cura divina, pai-de-santo). Para a referida autora, esses aspectos sublinharam o modo como essa medicina responde, em alguma medida, às necessidades de alguns setores da população brasileira.

Essa população, geralmente formada por pessoas com carência de assistência médica, e advindas das classes menos favorecidas, veem na figura das rezadeiras um recurso para a cura de seus males, tendo em vista que é mais fácil a aproximação, pois se sentem iguais, acolhidas, dentro de um mesmo nível social.

As práticas de cura oferecidas por benzedores e curandeiros em geral eram mais apreciadas e procuradas pela população. Esses agentes de cura compartilhavam o mesmo universo simbólico daqueles que os procuravam, transmitindo, assim, uma relação de confiabilidade, inexistente entre médicos e pacientes. (FARINHA, 2012, p.40)

Essa relação cria, conforme Oliveira, E. (1983, p.206) “um elemento importante na rearticulação da família com a comunidade, através dessa relação pensado-vivido, que é a benção e do quadro de referências simbólicas acondicionadas à ela”.

No entanto, atualmente, a medicina tradicional tem andado de mãos dadas com a medicina popular, esta vem sendo inserida e servindo de apoio aos agentes de saúde de postos médicos de cidades no estado do Ceará (CE), do Paraná (PR), da Bahia (BA) e de Brasília (DF), quebrando a rigidez da relação médico-paciente, que via a doença como o fator mais importante, deixando de lado todo o seu contexto.

É o que nos mostra as pesquisas de Cavalcante (2006), realizada em Maranguape-CE, em que as rezadeiras foram incorporadas ao Programa de Saúde da Família (PSF) no município; e a pesquisa de Simões (2014) que traz um levantamento da agregação das rezadeiras em programas de saúde no município de São João do Triunfo (PR), que criou a Lei Municipal 1.370/11, na qual foi reconhecida a identidade coletiva das rezadeiras dando-lhes livre acesso as plantas medicinais; e em Rebouças (PR), também município do Paraná (PR), que criou a Lei 1.402/2010. Em Sobral (CE), segundo esta autora, as rezadeiras foram incorporadas no campo da saúde do município como Agentes Não Formais de Cura (ANFS).

Sobre essa união da medicina tradicional com a medicina popular, Cavalcante (2006) vem dizer que é uma relação positiva, tendo em vista que essa relação tende a produzir novos conhecimentos, tanto de um lado quanto do outro, promovendo uma troca de experiências e expectativas em relação a cura, as pessoas e a doença, estabelecendo novas visões a cerca do mundo e do homem como um todo.

Essa relação entre a medicina institucional e a medicina tradicional tem a produzir novos conhecimentos no campo da saúde, por certo, mas promovem, especialmente, o contato de experiências e expectativas diferentes em relação á cura, apessoa responsável pelo tratamento, à condição da doença. Desse modo, este contato não é apenas um contato de técnicas: é um contato de visões a cerca da relação homem-natureza- ambiente, sociedade, saúde, práticas reconhecidas. É também um contato entre agentes sociais situados em instituições, comunidades, etc. (CAVALCANTE 2006, p.23).

Gomes (2007) concorda com Cavalcante (2006) no que diz respeito aos benefícios trazidos pela união dos dois extremos: a medicina científica e a medicina popular. Enquanto a primeira se desenvolve como uma linguagem objetiva da ciência, a segunda é proveniente da imaginação e dos saberes, tendo a fé e a crença como fatores objetivos para a cura. Para este autor, a relação entre o saber científico e o popular, ajuda as pessoas da comunidade a aliviar o sofrimento físico e emocional.

O saber dito científico pode aliar-se ao saber popular em áreas onde a carência de assistência adequada impede a inserção das pessoas na vida da comunidade. Por isso

tradicionais relativos a doenças, remédios, quem administra, cura e cultiva plantas medicinais”. Ou seja, é a mulher, que é vista perante a sociedade e a comunidade como aquela que cuida, que alivia o sofrimento, seja ele da família ou alheio. Assim, as práticas de benzeção tendem a resolver problemas concretos existentes no cotidiano da comunidade, muitas vezes ignoradas dentro dos consultórios médicos.

Como práticas populares, elas constituem-se em fenômenos culturais que brotam juntamente com a necessidade de produzir respostas a problemas concretos ligados a diferentes setores ou domínios sociais do cotidiano dos sujeitos, de sua clientela, especialmente a doença (OLIVEIRA, E. 1983,p.381)

A medicina popular, conforme Oliveira, E (1983, p.17), praticada pelas benzedeadas “é um fenômeno realizado culturalmente encontrando paralelo nas sociedades tribais, nas figuras dos pajés e dos xamãs”. Nas sociedades trobriandesas, por exemplo, estudadas por Malinowski, segundo esta autora, “a eficácia da feitiçaria era condicionada à uma crença que se constituía nos princípios reguladores da organização econômica e social dessas sociedades” (op.cit.p.255)

Desse modo, Santos (2008, p.5) vem dizer que “As ciências e os saberes tradicionais são domínios cognitivos que tentam explicar experiências e fenômenos da vida cotidiana do ser humano”, ou seja, tanto a ciência quanto os saberes tradicionais sempre fizeram parte da vida do ser humano, atuando como elementos para explicar as vivências e as experiências do seu dia a dia.

### **2.3-As rezadeiras e a manutenção das rezas**

As benzedeadas têm passado por uma modificação de seus rituais iniciativos, por vezes pela dificuldade de se encontrar na família, em receptores principais o dom, o interesse no aprendizado. (FARINHA, 2012, p.61)

Atualmente o processo de benzeção praticado por benzedeadas e rezadeiras vem sofrendo uma diminuição gradual ao longo do tempo por diversos motivos como, por exemplo, morte, entrada das rezadeiras em outras denominações religiosas, falta de remuneração, preconceito, ataques de outras religiões (principalmente as neopentecostais), oposição da família, falta de interesse dos mais jovens e etc., pondo em risco práticas culturais cultivadas através do tempo de geração para geração, e que pode levar ao esquecimento de uma cultura.

Cultura, porque, segundo Cavalcante (2006, p.20) é a cultura que influencia diretamente todas as etapas, desde a sensação de saudável ou doente, a começar pela

percepção das alterações, a classificação desta, a busca por ajuda, à adesão a um determinado tratamento, sua eficácia e sua cura.

A tradicional prática oriunda do meio rural adquiriu na cidade novos contornos, haja vista que as benzedeiras passaram a enfrentar a concorrência das demais ofertas de cura religiosa. O exemplo é a própria medicina que, na cidade, ampliou a sua capacidade de atendimento. Nesse novo espaço de atuação, as benzedeiras corroboram a dinamicidade da prática. Em contato com as diversas forças sociais (Igreja, família e medicina) alteraram seus rituais e, especialmente, com a chegada do movimento carismático na cidade, essas mulheres reagiram, ora incorporando novos elementos, ora retirando alguns instrumentos, procurando assim um meio de sobrevivência mesmo estando na subalternidade. (FARINHA, 2012, p.8)

Sendo assim, o ofício de benzeção tem se modificado, escondidos sob as faces da modernidade e atuando de maneira clandestina nos bairros periféricos, resistindo à extinção da prática cultural e dos saberes adquiridos com o tempo.

Sobre o desaparecimento dessas práticas de benzedura, principalmente nas comunidades, Oliveira, R.(2016?) nos relata que uma das maiores dificuldades encontradas pelas rezadeiras em passar os saberes para as novas gerações é justamente a carga pejorativa atribuída às práticas pelos neopentecostais, estes, ultimamente, sendo presença maciça nos bairros periféricos, e atuando contra essas práticas, consideradas por eles como algo maléfico. Outra questão, segundo esta mesma autora, é a falta de interesse dos jovens que tentam a todo custo, mesmo pobres, acompanhar o ritmo da sociedade moderna.

Sobre isso é o que nos mostra também Simões (2014) através de pesquisa realizada em Vitória (ES) sobre as rezadeiras de Maruípe em relação a extinção das práticas de cuidados humanos. Para a referida autora, a quantidade de benzedeiras tem diminuído a cada dia, por motivo de morte, por optarem por outra religião e por abandono das práticas.

A quantidade de benzedeiras diminui a cada dia, por que morrem sem que outros se interessem em aprender o seu legado, outras se deixam cooptar por uma denominação religiosa e assim abandonam a prática, e as que ainda resistem como guardiãs do ofício (...) estão doentes ou muito idosas. (SIMÕES 2014, p.105)

Simões (2014, p.76) diz ainda que, os ataques das religiões pentecostais às religiões, cultos, devoções que diferem de suas crenças crescem diariamente. As religiões que são atacadas tentam se solidarizar umas com as outras como forma de resistência. Esses ataques têm se intensificado ao longo dos anos. E, conforme o site Brasil de Fato, com publicação em 21/01/2022, por Pedro Rafael Vilela, somente no ano de 2021, foram feitas 571 denúncias a respeito da violação à liberdade de crenças no Brasil, mesmo após a criação da Lei Federal nº 11.635/2007, promulgada no governo Lula, após ataques, preconceitos e perseguições praticados a uma mãe de santo baiana por membros de outra religião.

No entanto, outras questões que ameaçam as práticas de benzeduras são levantadas também por Gomes e Pereira (2002, *apud* Farinha, 2012). Para estes autores, segundo Farinha (op.cit.,p.59), além dos grupos eclesiais apontados por autores já citados, “há também a oposição da família, sendo responsáveis pelas transformações nas práticas de iniciação das benzeduras, exercendo a função do desaparecimento dessas práticas populares do universo urbano e rural”. Essa oposição da família se situa principalmente sob duas vias: a primeira delas é que o ofício é gratuito, e a segunda, é que não há privacidade e nem hora determinada para o atendimento as pessoas. A porta da casa da rezadeira está sempre aberta para quem busca aliviar suas dores e seu sofrimento físico e emocional.

O problema de oposição da família também é corroborado por Siuda-Ambroziak (2018) em sua pesquisa na Ilha da Magia (SC) sobre a extinção das benzeduras. Segundo ela, “apesar das gerações mais novas acreditarem ainda no dom divino das benzeduras para curar males do corpo e da alma, os jovens evitam o envolvimento nessa prática (...)”. Isso ocorre por que, nos dias atuais, em que a tecnologia e a modernidade andam juntas, não há espaço para o que é “atrasado”, “fora de moda”, principalmente no que diz respeito a retornos financeiros, uma vez que a benção é realizada gratuitamente.

Num tempo social que vangloria a alta tecnologia, os saberes pertencentes às culturas tradicionais, um contexto considerado “primitivo” pela ausência das tecnologias e das técnicas do mundo moderno, são vistos como “atrasados” e incapazes de resolver problemas dos dias atuais. (SANTOS, 2008, p.2)

Esse ofício não remunerado é um dos entraves para que haja interesse por parte da família, principalmente dos filhos, em assumir a responsabilidade em torno da benzedura. Na atual sociedade capitalista, lugar onde o dinheiro se sobrepõe, realizar uma atividade sem remuneração não faz o menor sentido para os jovens que atuam mediante os hábitos de consumo propagados pela mídia.

Sobre isso, numa pesquisa realizada entre os dias 02 e 09 de março de 2022, através de questionários de plataforma digital, com um total de 35 pessoas, entre homens e mulheres, das cidades de Recife, Carpina, Aliança e Vicência, todas do estado de Pernambuco, sobre os motivos de extinção da benzedura, foi constatado que, a falta de interesse pelos mais jovens em manter a tradição do benzimento foi percebido pela maioria como um dos principais fatores do desaparecimento das práticas de benção, seguido pela falta de fé e crença na benção, pelo preconceito, por outras práticas religiosas, pela tecnologia, pela falta de remuneração e pela não valorização do ofício. E ainda teve quem associou o ofício da benção a um mito.

Apesar disso, percebeu-se que a maioria dos pesquisados acreditam no poder do benzimento e das rezas, assim como nos saberes tradicionais adquiridos pelas benzedeadas através do tempo e lamentam a falta de continuidade e de interesse da família em manter as tradições, vivenciadas por eles mesmos e por membros de suas famílias como mãe, avós, tias tios e etc.

#### **2.4-As novas benzedeadas das mídias digitais**

A falta de interesse da família, especialmente dos filhos, a morte, a pressão de outras denominações religiosas e, vários outros motivos, como a não valorização, a falta de remuneração e etc., tem levado o ofício da benzeção ao anonimato em muitos lugares, especialmente, nos centros urbanos. Nesses centros, com grupos religiosos em expansão, as práticas e os saberes tradicionais, realizados por rezadeiras e por praticantes de religiões afro-brasileiras, tem sofrido diversos ataques, tanto no quesito material, com a destruição dos locais de práticas, quanto no físico e no emocional com agressões físicas e psicológicas e, no midiático, com a disseminação de fotos e palavras que estimulam a intolerância contra essas pessoas e suas práticas.

Como exemplo, temos o caso da mãe de santo Gildásia dos Santos e Santos, conhecida por Mãe Gilda, de Salvador (BA), que foi divulgado nos meios de comunicação e resultou na criação da Lei Federal nº 11.635/2007. O caso aconteceu em 1999, quando a Igreja Universal do Reino de Deus publicou uma reportagem no jornal Folha Universal com o título “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes” e a foto de Mãe Gilda, resultando em perseguição a partir daquele dia, tanto para ela quanto para os membros do terreiro de Candomblé Ilê Axé Abassá de Ogum, fundado por ela, causando o agravamento de problemas de saúde, levando-a a morte no dia 21 de janeiro de 2000. (2022, Brasil de Fato).

Essas divulgações midiáticas, no entanto, têm atuado sob duas formas: uma negativa e uma positiva. Na forma negativa, a mídia tem colaborado para expandir opiniões preconceituosas e incitar a intolerância de determinadas pessoas e de determinados grupos religiosos a praticante de sabedoria popular e de religiões de matriz africana, seja por meio da agressão física ou da agressão psicológica. Já na forma positiva, as mídias como o *instagram*, *o facebook* e *o youtube* têm colaborado para a expansão de outras categorias de benzimentos: os benzimentos online. Esses benzimentos são realizados por pessoas cada vez mais jovens, que utilizam a tecnologia para disseminar um conhecimento que, segundo elas, vem perdendo



espaço ao longo dos anos. Essas pessoas geralmente netas, bisnetas e/ou parente de rezadeiras ou mesmo sem parentesco algum, alegam que têm o dom e receberam o “chamado” para realizar os benzimentos. Outras simplesmente começaram a benzer tendo como objetivo fazer o bem aqueles que precisam.

Este é o caso de Pamela Souza. Pamela Souza é benzedeira e neta de benzedeira, professora de benzimento e doula. Criou em 2016, na capital paulista, o Florescer Bento, que se caracteriza como um ambulatório de cura e tem como objetivo colocar benzedor na terra. Esse grupo, além de realizar benzimentos online a quem precisa, por meio do *whatsapp*, *facebook*, *instagram*, soma um total de 12 mil seguidores e, também ensina as pessoas o ofício da benzeção. Segundo Natacha Cortêz (2018, revista MarieClaire), o Florescer Bento já formou mais de 1.062 rezadeiras, distribuídas em 78 turmas. Esses números, no entanto, vem crescendo ao longo dos anos e hoje, já contabiliza a formação de mais de 1.700 benzedores na Terra, distribuídos em 135 turmas, segundo dados recentes informados pelo atendimento do *whatsapp*. O curso no ano de 2018 custava em média R\$ 89,00 (oitenta e nove reais).

Esse valor, no entanto, é referente ao curso oferecido para o aprendizado do benzimento e não pelas rezas. Os alunos do curso são instruídos a não receberem nenhum pagamento pelas rezas, devendo o pagamento ser o de ajudar e abençoar o próximo. Essa prática se assemelha com as das benzedadeiras ditas tradicionais, cujo valor para a reza e para o benzimento não existiam, tudo era feito de maneira gratuita, tendo em vista que o benzimento era considerado como um dom de Deus, algo divino e que poderia acabar se houvesse um pagamento por ele. É o que nos mostra Oliveira, E. (1983, p.187) a respeito da visão que as rezadeiras tinham sobre o benzimento “esse ofício também é concebido por elas como sendo uma caridade, uma graça e, ao seu modo, uma dádiva, que deve expressar genericamente uma ajuda no bem (...)”.

Dessa forma, segundo Natacha Cortez (2018, revista MarieClaire), Pamela Souza chega a receber mais de 120 mensagens por dia requisitando bênção por meio do *whatsapp* para os desequilíbrios do corpo e principalmente da alma.

Além da atuação do Florescer Bento, que atua também na forma física, outro grupo que se destaca nos meios digitais como o *Instagram* e o *facebook* é o Benzedores de Luz. Esse grupo, fundado por Agnes Simone, 50 anos, terapeuta, tem como objetivo promover serviço de saúde alternativo e holístico, com a utilização de terapias, cursos e benzimentos.

Os benzimentos, segundo Agnes Simone, que não tem parentes que rezam, podem ser apreendidos por qualquer pessoa, “melhorando o seu entorno e auxiliando pessoas que necessitam se libertar de vários males, para os quais não existem remédios ou tratamentos

medicinais. O dom de benzer se manifesta com a vontade de fazê-lo”. (página do grupo no *facebook*). A ideia do benzimento online surgiu no início da pandemia do COVID-19 e segundo ela, são distribuídos de maneira gratuita. Embora ela concorde que as mídias digitais promovam uma (re)significação das benzedoras tradicionais, ela também acredita que essa tendência, que veio para ficar, como uma forma de manutenção das tradições culturais, nunca irá substituir as rezadeiras tradicionais, servindo apenas como uma forma mais abrangente.

De acordo com Agnes Simone, os benzimentos são requisitados para vários tipos de problemas (físicos, emocionais, financeiros, amorosos e de saúde) por homens e mulheres com idades entre 30 e 50 anos.

Já os cursos de benzimentos, disponibilizados na página do *facebook*, são oferecidos a homens e mulheres com idades acima de 18 anos e a todos aqueles que tenham vontade de conhecer essa arte de amor. Não há pré-requisitos e pode qualquer pessoa participar mediante contribuição de R\$ 220,00 reais (dados de maio de 2021) e da adesão de um kit completo no valor de 60,00 (sessenta reais) que pode ser feito através de depósito bancário, *pix* ou link de pagamento, à vista ou parcelado em até 5x.

Assim como o Florescer Bento, os Benzedores de luz, também cobra pelos cursos e não pelos benzimentos em si, que são oferecidos de forma gratuita para o equilíbrio físico, emocional e mental daqueles que solicitam e segundo Agnes Simone, os meios digitais têm colaborado em manter viva essa tradição cultural.

Por fim, embora as mídias digitais que utilizam as práticas de benzimentos tenham crescido nos últimos anos, ainda é desconhecida para uma grande parcela da população, principalmente as que moram nos interiores do estado, familiarizados com os benzimentos tradicionais. Sobre essa prática online, perguntamos a 37 pessoas se conheciam e todas responderam que não. Esse dado vem corroborar com a crença de Agnes Simone, que segundo ela, embora as rezadeiras se adequem as novas tecnologias, essas tecnologias nunca irão substituir as tradições das rezas e dos benzimentos na sua forma mais elementar.

### CAPÍTULO 3 - AS REZADEIRAS DA CIDADE DE VICÊNCIA/PE

*Minha mãe faleceu há mais de 20 e poucos anos e até hoje as pessoas ainda falam no nome dessa mulher pelo o que aconteceu com ela, por causa das rezas, pelos trabalhos, só falam bem dela. Isso mostra a grande rezadeira que ela foi.  
(José Expedido, filho de D. Nina- rezadeira já falecida).*

A cidade de Vicência/PE, já foi palco de muitos nomes que se utilizavam das rezas e dos benzimentos para curar os males de muitas pessoas, principalmente de crianças, cujos pais procuravam para a cura de doenças como ventre caído, mau olhado, espinhela caída, nervo torto, entre outros. Rezadeiras como Dona Nina, Dona Helena, Dona São, Dona Sula, Sr. Mané Luiz, Sr. Bilão e tantos outros, como Dona Lindalva, esta última com 77anos (idade revelada por sua filha, pois ela não sabe) e que ainda distribui suas bênçãos e rezas a quem precisa, fizeram parte da realidade de muita gente e algumas delas ainda permanecem vivas nas lembranças de muitos também..

Lindalva Gomes de Andrade, ou Dona Lindalva como é chamada é uma das últimas e acredito que possa ser a única que ainda reza no município de Vicência/PE. Residente no Loteamento João Ramos Maranhão, mais conhecido com Alto da Foice, Dona Lindalva atende quem vem lhe procurar. Recebe as pessoas em sua casinha amarela de grades pretas, cujo terraço e sala são enfeitados por imagens de santos e terços, distribuídos pelas paredes ou em centros colocados no meio da sala ou nos cantos das paredes, além de banners com a sua própria imagem.

Mãe biológica de 17 (dezesete) filhos e mãe do coração de mais alguns, filhos de conhecidos que davam a ela para criar, totalizando, segundo ela mais de vinte filhos, Dona Lindalva diz que começou a rezar ainda menina e aprendeu observando quem rezava quando ela própria ia rezar-se ou levar as crianças para rezar. Casou aos 12 anos, nunca estudou e trabalhou durante toda a sua vida. Porém, apesar da grande quantidade de filhos, nenhum deles seguiu o seu ofício, segundo ela, por falta de interesse.

*“Só quem sabe rezar é Deus em primeiro lugar e eu”* diz ela quando perguntada se os filhos aprenderam a rezar.

Perguntada sobre para quais males reza, diz que reza para dores de estômago, dores de cabeça, mau-olhado, utilizando o pinhão, porque muitas das ervas que cultivava se acabaram. Perguntada também se pensou em parar de rezar por ter sofrido algum preconceito, ela diz

### 3.1-O legado das rezadeiras

*“(...) Murupé, Angélicas, Borracha, Trigueiros, Carpina, Nazaré, Vicência, Timbaúba, de todos os lugares vinha gente para ser rezado pela a minha mãe”*

Esse é o relato de José Expedido Mendes da Silva, 56 anos, filho de Severina Mendes de Oliveira, conhecida como Nina de Seu Deódio, a respeito de onde vinham as pessoas que procuravam a benzeção praticada por sua mãe. Dona Nina, segundo ele, *“rezava para toda a comunidade, desde os mais humildes até as famílias mais abastardas do município. Rezava para dor de estômago, espinhela caída, dor de cabeça, quando estavam deprimida, olho grande, pessoas que se sentiam assim... que estavam dizendo que estavam vendo visão, assombrados dentro de casa, e outras e outras coisas”*, diz ele.

Expedito fala que a mãe começou a rezar aos 07anos de idade, após ela começar a ter visões e sentir coisas estranhas. *“Olha, ela começou com 07 anos de idade. Ela começou, segundo ela, ela dizia que via Comadre Fulorzinha<sup>13</sup>. Então ela começou sentindo algumas coisas estranhas nela. A minha avó procurou alguns médicos da época e ninguém resolvia. E ela com a cabeça assim, com medo, com medo de ficar só, com medo de ficar só e quando foi um dia mandaram a minha avó levar ela para uma mulher que trabalhava, que era rezadeira também e que trabalhava com negócio de espírito, espiritismo. Aí quando levou ela, a mulher rezou ela e disse que ela não tinha nada e ela tinha corrente para trabalhar. E depois disso aí, ela começou rezando e tudo que ela ia fazendo ia dando certo. E morreu com 72 anos de idade. O que ela dizia acontecia”*

Esse relato vem corroborar com o que Oliveira, E. (1983) chama de rezadeira kardecista ou mediúnica em suas definições. Embora nosso trabalho se concentre nas rezadeiras católicas, é importante citar essa definição para um maior entendimento.

Segundo Oliveira, E (1983), as rezadeiras de fé kardecista definem-se e identifica-se como espírita, sendo reconhecida assim por sua clientela, geralmente grande e rotativa.(p.164) Essas rezadeiras ainda segundo esta autora, “atuam em estado de possessão e de concentração.

---

<sup>1</sup>A lenda de Comadre Fulorzinha é bastante conhecida no Nordeste do Brasil. A entidade tem uma grande semelhança com a Caipora e atua como uma guardiã das florestas. A sua versão mais conhecida é descrita como uma criança, com longos cabelos pretos e uma tendência em fazer muitas travessuras. Já em outras versões, ela é apresentada como uma mulher. Suas travessuras incluem fazer tranças nas crinas dos cavalos, abrir porteiros das fazendas e desorientar os caçadores com seu assobio.

que não, e que vai morrer rezando, pois foi um dom dado por Deus. Diz apenas que muitos mandam ela parar de rezar, mas ela diz que o que as pessoas dizem, entra em um ouvido e sai no outro, ou seja, não dar ouvidos e vai rezar até morrer.

*“O povo disseram que não precisa de eu rezar não, mas eu só deixo de rezar quando eu morrer um dia. Chega uma pessoa doente na minha casa e eu vou dizer que não posso rezar é? Isso é conversa! Rezo dor no estômago, dor de cabeça, rezo olhado, rezo tudo graças a Deus”.*

Sobre o pagamento recebido, ela diz que não recebe dinheiro como pagamento, pois reza não tem preço e que sempre diz não a quem quer lhe pagar. Em troca recebe lenços, panos de pratos, toalhas, refrigerantes e outros itens, *“ninguém diz as palavras de Deus por dinheiro”*, diz ela. Sobre essa troca, Cavalcante (2006, p.59) vem dizer que *“A reza assume o caráter de uma moeda de troca, ainda que não seja sentida, percebida ou vivida como tal, tanto pelo rezador, quanto pela comunidade”*.

Assim, Dona Lindalva, carrega o estigma de tantas outras rezadeiras tradicionais que adotaram a caridade para auxiliar e dar conforto físico e espiritual a quem precisa sem exigir nada em troca. O consulente dar o que quiser e quando puder como forma de agrado. Dona Lindalva abre as portas da sua casa sem saber para quem está abrindo e nem para quê, apenas pelo simples fato de querer ajudar quem busca por ajuda. Sobre isso, Oliveira, E (1983) vem dizer que ao menos no princípio, todas as rezadeiras sentem-se compromissadas a atenderem aqueles que por elas procuram. Isso porque, colocam-se como um dos traços essenciais da sua identidade social junto aos clientes, amigos, vizinhos e parentes, o fato de serem boas. (p.144)



Figura Imagem 4 - Dona Lindalva -77 anos, rezadeira-Vicência/PE. (foto do autor)

Além de Dona Lindalva, outra que reza é Dona Irene. Dona Irene tem 67 anos e assim como Dona Lindalva aprendeu a rezar observando outras rezadeiras, muito embora o pai de Dona Irene rezasse, ela não aprendeu com ele. A diferença entre elas é que Dona Irene reza apenas para a família (filhos e netos).

Moradora da zona rural da cidade de Vicência/PE até a década de 80, Dona Irene nem sempre podia se ausentar de casa, pois não tinha com quem deixar os outros filhos. Além disso, o marido, tratorista rural, viajava para fazendas fora da cidade e levava ela e os filhos junto com ele, fato que provocava um maior isolamento e a falta de atendimentos básicos, uma vez que as propriedades ficavam muito longe dos centros urbanos.

Para suprir essas necessidades ela começou a rezar os filhos e desde então reza até os dias atuais. Dona Irene é mãe de 09 (nove) filhos e, assim como os filhos de Dona Lindalva, nenhum filho dela faz uso desse ofício. A reza praticada por Dona Irene é dirigida principalmente contra o mau-olhado, utilizando as plantas que estiver a sua disposição, pois, segundo ela, é a reza a principal componente da cura.

Desse modo, constata-se que é a fé na reza que encaminha todo o processo de cura, tanto do lado de quem reza quanto do lado de quem recebe a reza.



Figura Imagem 5 – Dona Irene- 67 anos- rezadeira – Vicência/PE. (foto do autor)

Realizam passe, invocações e benzimentos”. Para essas rezadeiras, de acordo com Oliveira, E (1983) a maior parte das explicações para as doenças está calcada no plano mágico- social indicador que revela tensões políticas entre as pessoas e uma manipulação dos deuses a seu serviço. (p.165)

Embora Dona Nina se enquadrasse dentro dessa definição, sendo a base de sua iniciação, ela atuava dentro do catolicismo. Segundo o seu filho Expedito, ela era frequentadora assídua das missas realizadas na Igreja Católica do município.

Segundo Oliveira, E (1983, p.136) as rezadeiras, “são praticantes de uma religião e se apresentam sempre através de uma denominação religiosa. Podem ser membros de uma igreja, de um centro ou de um terreiro (...)”.

Dona Nina também foi outra rezadeira que não deixou discípulos. Teve 14 filhos e segundo seu filho Expedito, *“nenhum herdou nem desejou aprender isso com ela não, embora ela tivesse muita vontade que alguém fosse sucessor dela, mas a gente nunca desejou. (...) naquele tempo atrasado, a gente não via ser assim, uma coisa importante”*.

Ele lamenta por não haver mais rezadeiras no município e diz que hoje as pessoas deveriam ser como as rezadeiras que faziam tudo por amor.

Perguntado sobre a sua percepção dos motivos de extinção das rezadeiras, ele diz que foi a falta de apoio e de reconhecimento, *“foi principalmente a falta de apoio com aquelas pessoas, a falta de incentivo, convidar para palestras, mostrar o quanto essa prática era importante. Mas nunca teve isso e então acho que é por isso que as pessoas não foram mais dando crédito e criando esse desejo essa vontade de ser um rezador uma rezadeira”*.

Sobre a vivência com o processo de benzeção, Expedito vem dizer que:

A benzeção para mim significa uma coisa muito importante .(..) Eu vi pessoas chegarem lá em casa de meia noite, uma hora da madrugada, agente dormindo e ela se levantar. Pessoa chegar passada, eu achava que já estava morta, acho que só estava com o coração batendo. Mas entrava para dentro de casa nas mãos das pessoas, cinco, seis homens pegado com uma mulher do seu tipo, pesada, aquela pessoa praticamente morta. Ia lá para dentro, ela fazia aquela oração e aquela pessoa se levantava (...) aquela pessoa, parece que o espírito, a alma tava distante e voltou. Aquela pessoa saía contente. Era tão tal que aquela pessoa não deixava mais de ser amiga da minha mãe não. Se a minha mãe fosse uma pessoa exploradora eu acho que ela tinha morrido rica. Mas não era por amor, pelo prazer de ver aquela pessoa chegar daquele jeito e voltar com os seus pés, com o seu tino, com a sua vida. Isso para mim é o mais importante.



Figura Imagem 6- José Expedito-56 anos – filho da rezadeira Dona Nina de Seu Deódio. (foto do autor)

Por fim, as lembranças não se situam apenas nas memórias dos filhos. Ela se instaura dentro de uma memória coletiva, vivenciada não só pelos consulentes<sup>14</sup> mas por toda a família desses consulentes que se reconhecem dentro dessa vivência, outrora construída por seus pais, seus avós e seus vizinhos, a partir de uma cultura já estabelecida.

Sobre esse processo de cultura, Cavalcante (2006, p.20) vem dizer que “a cultura influencia diretamente todas as etapas desde a sensação de saudável ou doente, a começar pela percepção das alterações, a classificação desta de buscar por ajuda, a adesão a um determinado tratamento, sua eficácia e a cura”.

### **3.2-As rezadeiras na concepção dos consulentes**

Quando se fala em rezadeira, alguém sempre se lembra de um familiar ou de alguém próximo que já frequentou a casa e já recebeu as bênçãos de uma, para a cura de algum mal físico ou espiritual e em algum lugar, seja no local onde mora, no bairro vizinho ou em cidades vizinhas.

Com o intuito de obter dados a respeito da percepção que as pessoas têm em relação às rezadeiras, um questionário foi elaborado e distribuído para 35 pessoas, com idades que variam de 20 a 50 anos ou mais, moradores da cidade de Vicência/PE e de cidades vizinhas como Carpina/PE e Aliança/PE que responderam questões relacionadas ao seu conhecimento sobre o processo de benzeção e a utilização das rezas dentro de suas vivências.

---

<sup>14</sup> Que ou pessoa que pede consulta. Consultador, consultante (dicionário online)



Dentre os questionados, a maioria de mulheres, foi constatado que 68,6% já levaram ou levaria um filho para o recebimento de bênçãos e de cura praticados por uma rezadeira, contra 17,1% que não levariam. O índice de aceitação demonstra o prestígio que essas mulheres tinham e ainda têm dentro de uma comunidade e que, mesmo com a implantação da tecnologia e dos recursos disponíveis da medicina nos dias atuais, as pessoas acreditam nas tradições, na cultura e no poder de cura dessas mulheres, independente dos fatos ou das situações vividas. Nesses casos, a reza se apresenta como uma aliada no combate do mal em favor do bem.

A maioria dos questionados, no entanto, cerca 68,6% possuem ensino superior e vai na contramão de que as rezadeiras serviam apenas a uma população carente. Esses dados se aliam a fala de Expedido, filho de D. Nina, quando ele diz que as pessoas mais abastadas da cidade procuravam pelas rezas e benzeções praticadas por sua mãe.

As mulheres representaram um maior número dentro do total dos que responderam as questões. Foram 71,4% de mulheres contra 28,6% de homens. Esse dado vem corroborar com Cavalcante (2006, p.60) que diz o seguinte “no cotidiano doméstico, a mulher notadamente esposa-mãe, é o principal agente de saúde. A mulher é quem detêm os saberes tradicionais relativos a doenças, remédios, quem administra, cura e cultiva plantas medicinais”.

Apesar do grau de instrução dos entrevistados serem em sua maioria nível superior, um total de 94,3% já foi benzido ou teve alguém da sua família benzido por uma rezadeira, contrapondo um total apenas de 5,7% que nunca tiveram contato com essas mulheres distribuidoras de bênçãos. Esse percentual aumenta quando perguntado se os entrevistados conhecem alguém que já foi benzido, totalizando 97,1% que disseram sim.

Sobre as doenças para as quais as rezas foram requisitadas, buscadas, 78,5% procuraram para quebranto e mau olhado, enquanto 11,8% procuraram as rezadeiras para a cura de doenças e males físicos, 2,9% para problemas emocionais, 5,9% para espinhela caída, 5,7% para outros tipos de problemas e 0% não citaram problemas financeiros.

Dos que procuraram as rezadeiras, 79,4% dizem que após as rezas se sentiam curados, melhores de seus problemas físicos, contra 14,7% que ficaram em dúvida e 5,9% que disseram não sentir a cura. Cura essa, segundo Oliveira, E (1983) está ligada a fé. É preciso a fé de ambas as partes para que o processo de cura seja bem sucedido.

Durante a pesquisa, a maioria dos questionados, 71,4% acham que o processo de benzeção das rezadeiras está se extinguindo, uma vez que muitas estão morrendo, segundo

28,6%, pois existe dificuldades segundo eles de encontrar essas mulheres nos locais onde eles moram 31,4%, não conhecem 22,9% e apenas 17,1% conhecem mas não procuram .

Os motivos desse desaparecimento segundo os questionados são vários. Um desses motivos seria a falta de fé e crença das pessoas atualmente, seguido pela falta de interesse da nova geração, a falta de valorização, o preconceito, a inserção da indústria farmacêutica, as tecnologias e, por fim, pouca importância na manutenção da cultura.

Quando se fala em tecnologia, no entanto, para a minha surpresa, os questionados não conhecem as benzeções online, 100% disseram não conhecer essa prática, que vem ganhando força nos meios tecnológicos recentemente, principalmente durante o período pandêmico, em que a fé foi uma busca constante para manter o equilíbrio do corpo e da alma.

Dessa forma e de uma certa maneira, as pessoas procuram seguir uma tradição, mantida muitas vezes escondidas dos preconceitos sob o manto do anonimato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo estudar o universo das rezadeiras do município de Vicência-PE, bem como os processos de bênçãos e curas proporcionados por elas através do uso de crença e da fé dentro do universo de uma cultura popular, passada de geração em geração.

Cercada por mistérios e por intolerâncias, tanto em séculos passados, com a introdução da Inquisição do Santo Ofício, que dizimou boa parte das mulheres que se utilizavam das rezas e plantas, como agora, a qual se revela por meio de ataques cibernéticos e digitais, que suscitam a violência e a discriminação para com essas mulheres, as práticas de benzeção têm se mostrado uma importante aliada na manutenção da fé, seja por meio físico, pelo contato direto ou por meio digital, através das plataformas de redes sociais como o *whatsapp*, *o instagram* e *o youtube*, ou por qualquer outro, pois, segundo Oliveira, E (1983) a cultura do benzimento faz parte da vida do ser humano, tendo grau de parentesco ou não.

Dessa forma, mesmo em meio a tantos desafios, essas mulheres demonstram a sua resistência entre os espaços concretados das cidades buscando ajudar aqueles que procuram ajuda para a cura de seus males físicos e espirituais, apesar dos avanços da medicina tradicional e das inovações tecnológicas. Para essas pessoas, a reza serve de apoio à medicina tradicional, um complemento, entre a ciência, a fé e a crença.

Embora, a ciência tenha criado condições para a cura de várias doenças, a crença em algo mágico, superior, permanece enraizado dentro de uma cultura em que a fé é a grande responsável pela cura, seja a fé na reza, seja a fé na rezadeira que a profere.

O que se viu, no entanto, é que a falta de interesse por parte dos familiares, principalmente dos filhos, tem levado o processo de benzeção ao esquecimento, uma vez que com a morte das rezadeiras, nenhum filho assume a prática, devido ao preconceito, a falta de remuneração e do conceito de que a benzeção é algo pejorativo, “coisa de satanás” pregado por diversas religiões, principalmente as pentecostais. Os motivos citados acima foram já tinham sido discutidos por Siuda-Ambroziak (2018) em sua pesquisa na Ilha da Magia (SC) sobre a extinção das benzedeadas em que, mesmo os jovens acreditando nessa prática, procuram não se envolver.

Assim, embora as benzeções praticadas pelas rezadeiras sejam vistas como algo ruim por outras entidades religiosas, as rezadeiras tiveram suas práticas reconhecidas em alguns

lugares do país, como o Ceará, o Paraná e Brasília, que aliadas aos programas de saúde da família, têm salvado vidas, principalmente no período da infância com a redução de mortes infantis. Mas não é só isso, detentoras de grande respeito na comunidade, as rezadeiras têm fortalecido as relações sociais entre a medicina popular e a medicina tradicional com a utilização de rezas e de conselhos, tendo como objetivo a cura dos males, sendo através da fé ou da ciência.

Diante do exposto, fica evidente que as rezadeiras mantêm ou tentam manter a sua fé e a sua crença nas suas práticas e nos seus processos de benzeção. Atuando muitas vezes de forma camuflada, elas tentam guardar memórias de uma cultura que foi repassada entre gerações através da oralidade e do auto aprendizado em prol do bem estar físico e/ou espiritual de familiares e do outro. (vizinhos e conhecidos da comunidade). E isso é corroborado por Nascimento e Ayala (2013, p.3) ao dizer que “embora o tempo passe e surjam sempre inovações (...) o conhecimento adquirido pelos mais velhos continua sendo propagado aos amigos, vizinhos e familiares de modo direto, através de conversas”.

E é isso justamente o que ocorre na cidade de Vicência/PE. Embora não haja um número considerável de rezadeiras como antigamente, as pessoas ainda guardam lembranças e sentem saudades de um tempo revivido pela memória dos mais velhos, aplicando práticas como banhos e chás apreendidos na experiência vivida.

Por fim, fica a pergunta: Em um futuro próximo haverá rezadeiras?

Se depender de Nascimento e Ayala (2013, p.3), os conhecimentos adquiridos nunca irão ser apagados ou esquecidos “(...) os conhecimentos, os valores e as experiências dos mais velhos apresentam uma importante função na sociedade: manter viva a identidade, a memória e a história da vida da comunidade” e com isso, de uma sociedade e da humanidade como um todo.

## BIBLIOGRAFIA

BORGES, Miguel Angelo Velanes. **Saberes e práticas de rezadeiras e benzedoras em comunidades de Camaçari: diálogos entre saberes populares e educação formal.** Disponível em: <https://ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org>. Acesso em: 23 Junh.2021.

CAVALCANTE, Simone Gadêlha. **Entre a ciência e a reza: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-CE.** 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/tede/669>. Acesso em 03 Mai.2021.

**COMO PARTICIPAR DO RESGATE DO BENZIMENTO (FLORESCER BENTO) QUE SERÁ EM FEVEREIRO.** Portal Brasil. 28 jan. 2022. Disponível em: <https://portalbrasil.com.br/resgate-do-benzimento-florescer-bento/>. Acesso em: 13 mar.2022.

CUNHA, Lidiane Alves da. **Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedoras.** 2017. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25621>. Acesso em 20 abr.2021.

D'ALMEIDA, Sabrina Soares. **Guardiã das folhas: mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício.**2018. 330 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_be29850734fa9ee4c0363fb092e54127](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_be29850734fa9ee4c0363fb092e54127). Acesso em: 14 Abr.2021.

DINIZ, Ana Elizabeth. **Benzedora da nova era repagina a tradição e arte do benzimento.** Rezos são passados através das gerações e mantêm poder de cura. O tempo. 29 set.2020. Disponível em <https://www.otempo.com.br/interessa/benzedora-da-nova-era-repagina-a-tradicao-e-arte-do-benzimento-1.2391737>. Acesso em: 09 Mar.2022.

DO NASCIMENTO, D. G., AYALA, M. I. N., & NAU LITERÁRIA, C. E. As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. **Revista Nau Literária**, 9(2).Rio Grande do Sul. Jan/Jun.2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.43698> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43698/0>. Acesso em: 20 Abr.2021.

ESTEVES, Eduarda. **Mãos santas: a fé inabalável das rezadeiras de Pernambuco.** Disponível em: <https://m.leiaja.com/cultura/2017/08/15/maos-santas-fe-inabalavel-das-rezadeiras-de-pernambuco/15/08/2017>. Acesso em: 09 Mar.2022.

FARINHA, Allyne Chaveiro. **As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004.** 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás-Goiânia. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ALLYNE\\_CHAVEIRO\\_FARINHA.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ALLYNE_CHAVEIRO_FARINHA.pdf). Acesso em: 12 Abr.2021.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. SP: Atlas, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. SP: Atlas, 2007.
- GOMES, Sandro Roberto de Santana. **Saúde e salvação: o sagrado das rezadeiras em Paulista/PE**. 2007.131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/267>. Acesso em: 15 Abr.2021.
- GONTIJO CUNHA, Celina. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. Disponível em:
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vicencia/pesquisa/23/22957?detalhes=true>. Acesso em: 14 Jun.2021.
- MEDEIROS, Roseana Borges de. **Feminino Divino. Tecendo um novo mundo**. Recife: UFRPE, 2011.
- MENDES, Janaina. **As práticas tradicionais de cura popular e o patrimônio cultural do noroeste do Paraná: a benzeção e seus rituais (1940-1950.)** Caderno de Resumos e Anais da XIX Semana de História, VII Fórum de Pós-Graduação em História e II Fórum de Licenciatura em História - Universidade Estadual de Maringá ISSN: 2175-4446. Disponível em [http://www.cih.uem.br/anais/2014/semana\\_historia\\_caderno\\_resumos.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2014/semana_historia_caderno_resumos.pdf). Acesso em 23 jun.2021.
- MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. (2018). Benzedeiras e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais. **Interações**, v.19, n.1, p.3-14, jan/mar.2018. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1568>. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1568>. Acesso em: 20 Abr.2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde**. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. (Orgs.). Tratado de saúde coletiva. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. p. 189-218.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA - **Secretaria Nacional de Renda e Cidadania. Vicência/PE**. Disponível em: [www.aplicacoes.mds.gov.br](http://www.aplicacoes.mds.gov.br). Acesso em: 21 de out.2021.
- MUSEU COMUNITÁRIO POÇO COMPRIDO. Disponível em: <http://pococomprido.com.br/museu-comunitario-poco-comprido/> Acesso em: 23 Jun.2021. .
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. Vol. I e Vol. II. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, IFCH – UNICAMP, 1983.
- OLIVEIRA, R.P. **Benzedeiras e rezadeiras: a sobrevivência da identidade e das práticas religiosas nos espaços urbanos**. Disponível em: <http://docplayer.com.br/75688363-Benzedeiras-e-rezadeiras-a-sobrevivencia-da-identidade-e-das-praticas-religiosas-nos-espacos-urbanos.html>. Acesso em: 23 jun.2021.

Rezadeiras ajudam a salvar vidas. **Diário do Nordeste**. Ceará, 16 Set. 2005. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/rezadeiras-ajudam-a-salvar-vidas-1.209603> 16 set. 2005. Acesso em: 09 de mar. 2022.

SANTOS, Mário Alberto dos. **O diálogo de saberes e as culturas tradicionais: pesando sobre o manejo das unidades de conservação de uso sustentável**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14532.pdf>. Acesso em: 07 de julho de 2021.

SILVA, Francismary Alves da. **A história das ciências e os saberes tradicionais**. In: LIVROS & REDES • Hist. cienc. saúde-Manguinhos 24 (2) Abr-Jun 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZNwXCbstcn5vF57Q85KhrZC/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun.2021.

SIMÕES, Juliana Pereira. **Benzedeiras de Maruípe: uma prática de cuidado humano em extinção**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1211>. Acesso em: 14 Abr.2021.

SIUDA-AMBROZIAK, R.. **Benzedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia**. MÉTIS: HISTÓRIA & CULTURA, v. 18, p. 125-146, 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6941>. Acesso em: 20 Abr.2021

## **ANEXOS**

### **ANEXO A- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

#### **Roteiro para entrevista das rezadeiras**

- 1-Qual o seu nome?
- 2-Qual a sua idade?
- 3-Até que série estudou?
- 4-Há quanto tempo reza?
- 5-Aprendeu com alguém?
- 6-O que utiliza para rezar?
- 7-Quais os tipos de doença que depende de reza?
- 8-Algum filho(a) seguiu os seus passos?
- 9-Quais as dificuldades encontradas hoje para rezar e passar a tradição?
- 10-Alguma vez já pensou em parar de rezar?
- 11-Já sofreu algum preconceito pelo fato de rezar as pessoas?
- 12-Quem são as pessoas que buscam as rezas?
- 13-Com que frequência acontecem as rezas?
- 14-Acha que a prática de rezar pode chegar ao fim?

#### **Roteiro para entrevista dos consulentes**

- 1-Qual seu nome?
- 2-Qual sua idade?
- 3-Qual sua escolaridade?
- 4-Tem filhos?



5-Você já foi benzido por rezadeiras?

6-Quem passou a reza pra você e como se deu esse processo?

7-Para que mal você as procurava?

8-Se sentia curado (a) após as rezas?

9-Quais as dificuldades de encontrar rezadeiras nos dias de hoje?

10-Você acha que a prática de rezar está se extinguindo?

11-Já levou ou levaria um filho seu para rezar?

### **Roteiro para entrevista dos grupos do *Instagram***

1-Como surgiu o grupo?

2-Qual a finalidade do grupo?

3-As mídias sociais estão promovendo uma nova (re)significação das práticas tradicionais de reza?

4-O período pandêmico, ao qual estamos vivendo criou novas tendências e buscas pela cura e manutenção da fé?

5-Os grupos de rezadores on line substituirão os tradicionais? O encontro cara a cara, a confiança mútua, a proximidade de igual para igual características da relação benzedor-consulentes serão substituídos?

6-Os grupos encontram dificuldades de acesso aos que buscam pelas bênçãos?

7-Para quais problemas as bênçãos são distribuídas?

8-Quem são os consulentes de bênçãos online e que idades têm?

9-Rezar online é uma tendência do momento ou uma prática que veio pra ficar diante da implantação das novas tecnologias?

10-As práticas tradicionais de rezar vão se extinguir ou vão se adequar a nova realidade?

## ANEXO B- AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

### Termo de Autorização de Imagem

Eu, \_\_\_\_\_, brasileiro(a), casado(a), residente no município de Vicência/PE, autorizo o uso de minha imagem, para compor a pesquisa intitulada: **“Xô olho grande! As ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais”**, destinada à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), bem como a divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus em todo o território nacional.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

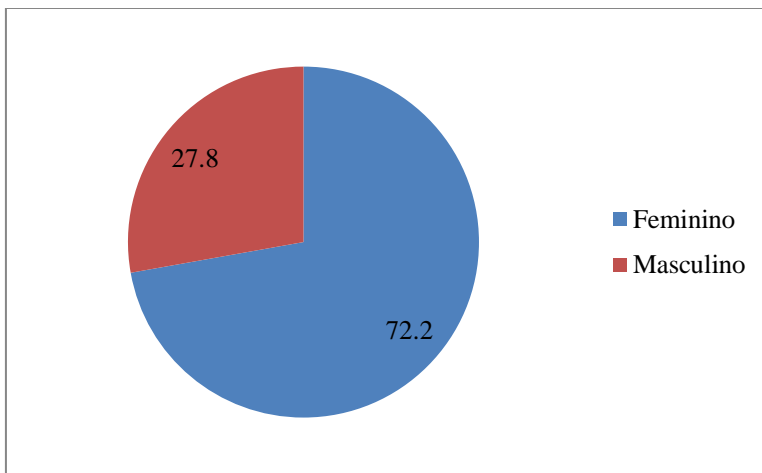
**ANEXO C- RESULTADO DA PESQUISA**

1- Qual o seu nome?

36 respostas

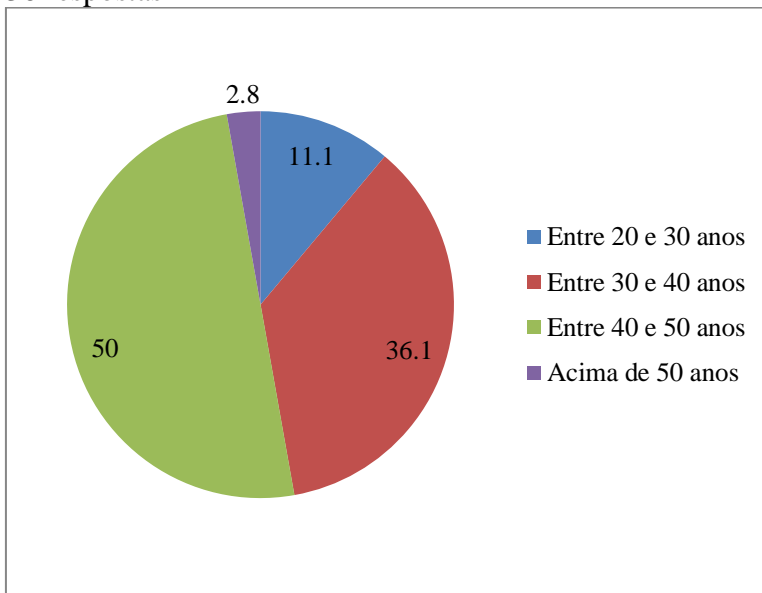
2- Qual gênero se identifica?

36 respostas

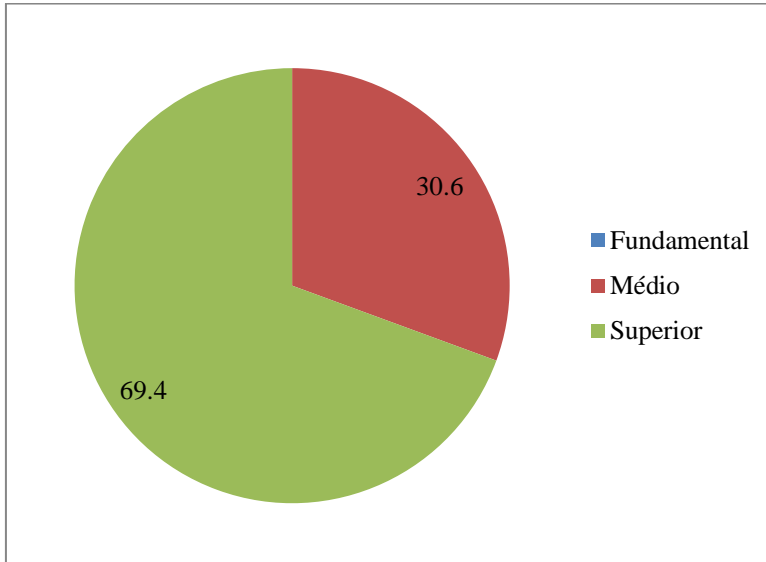


3- Qual a sua idade?

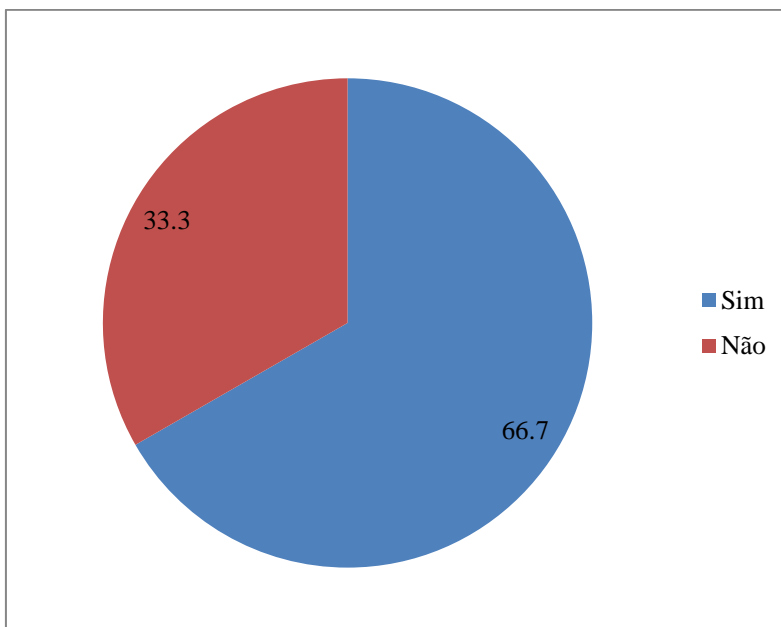
36 respostas



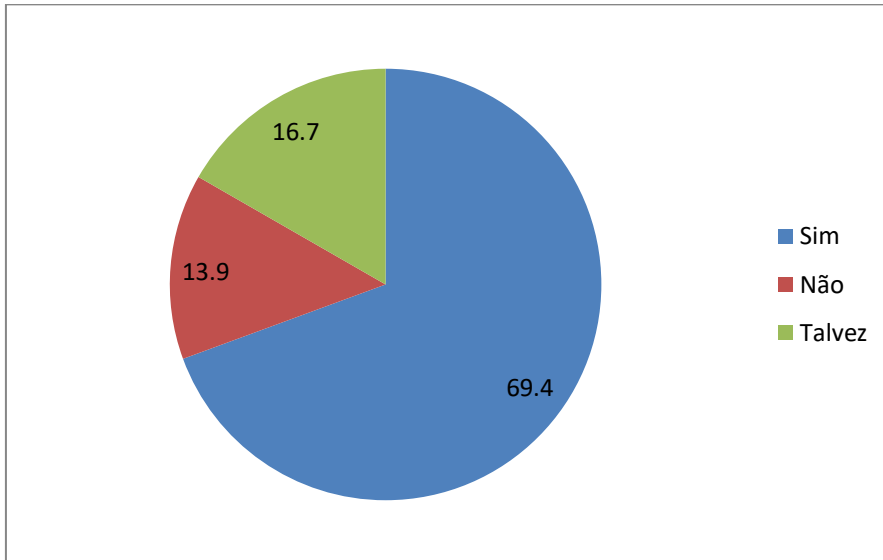
4- Qual a sua escolaridade?  
36 respostas



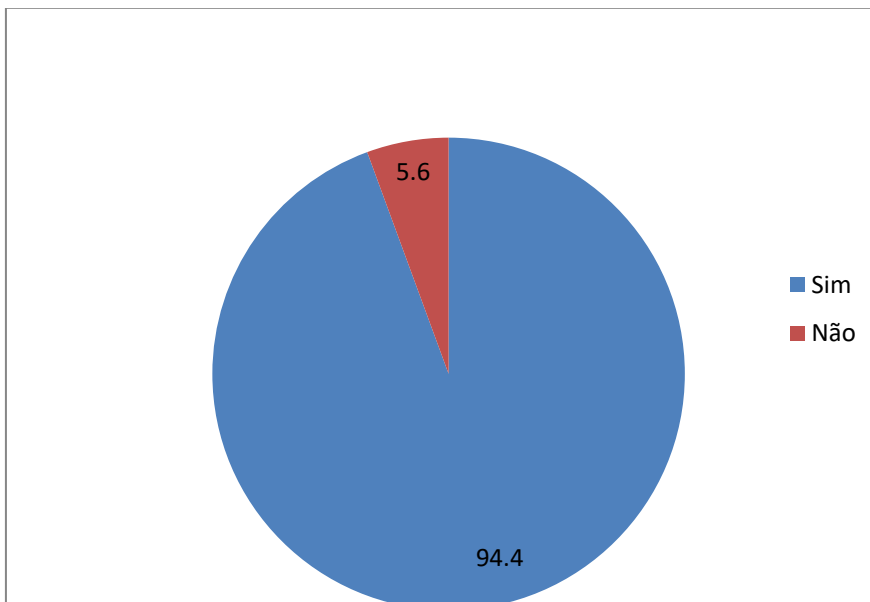
5- Você tem filhos?  
36 respostas



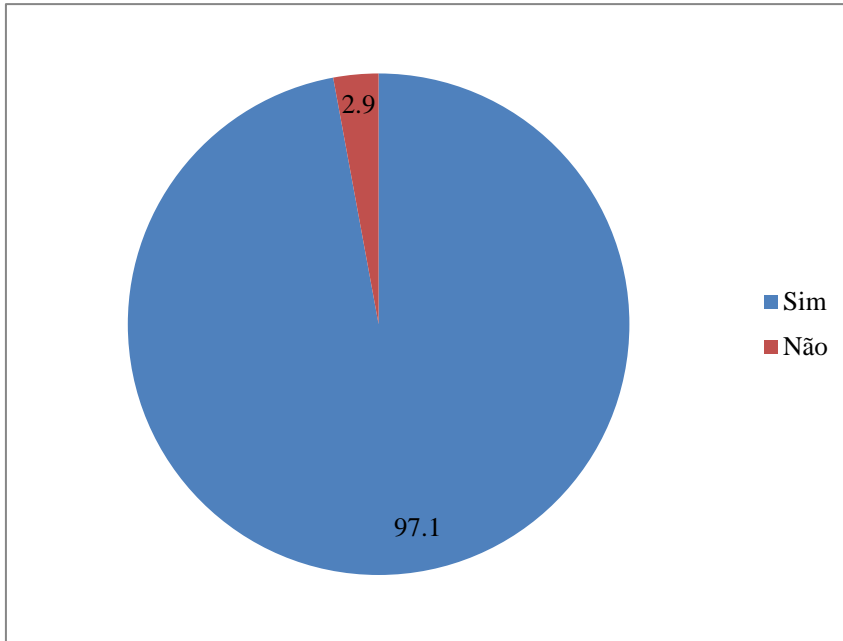
6- Você levou ou levarei um filho seu para ser tratado por rezadeiras?  
36 respostas



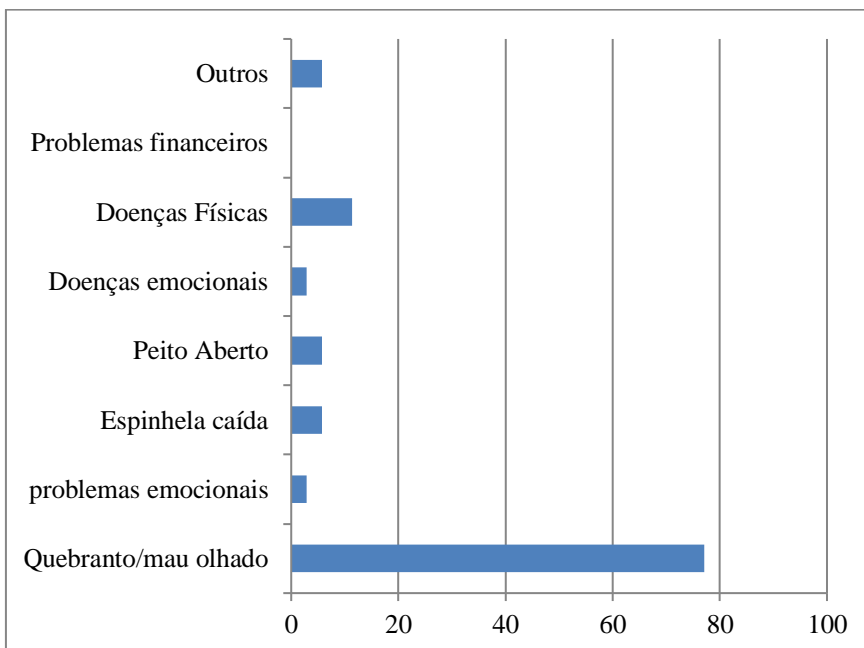
7- Você ou alguém da sua família já foi benzido por rezadeira?  
36 respostas



8- Você conhece alguém que já foi benzido por rezadeira?  
35 respostas

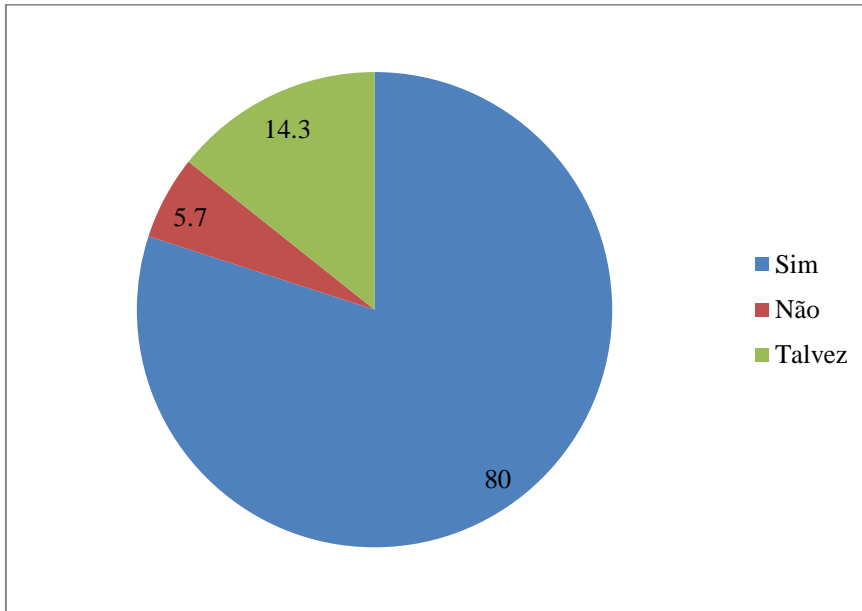


9- Para qual o mal/doença você ou sua família procuraram por rezadeira?  
35 respostas



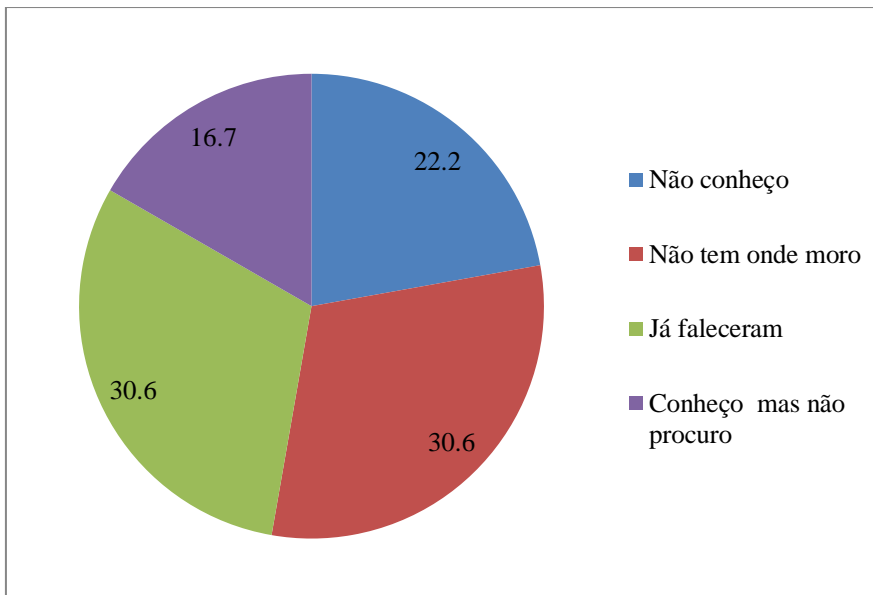
10- Você ou a sua família se sentiam curados após as rezas?

35 respostas



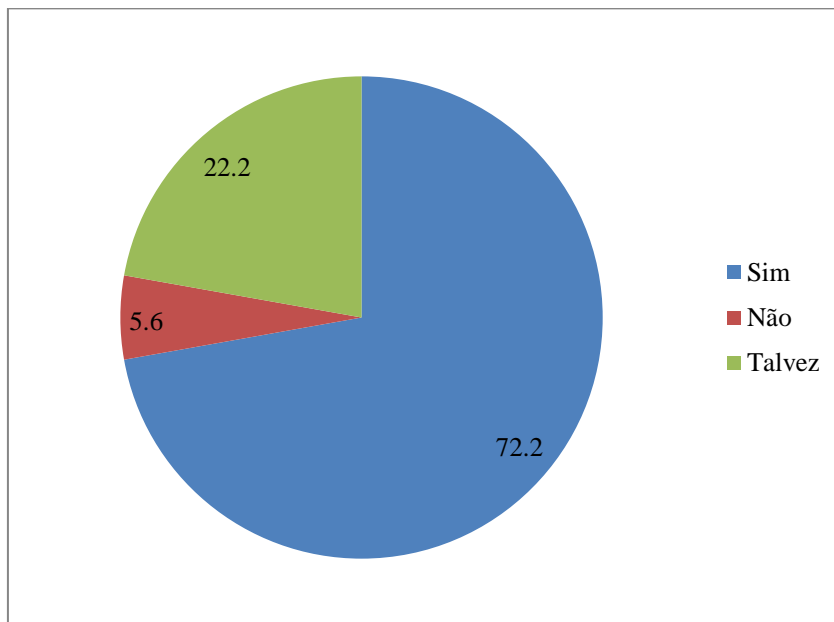
11- Quais as dificuldades de encontrar rezadeiras nos dias atuais?

36 respostas



12-Você acha que a prática de rezar está se extinguindo?

36 respostas



13- Por que?

33 respostas

13.1-Devido a preconceitos e a cada vez mais a auto afirmação da ciência.

13.2 Porque as rezadeiras são ou eram médiuns que recebiam conhecimentos práticos repassados de mães, avós e assim sucessivamente, por tradição. Mas trabalhavam por amor, doando seus fluídos e curando pacientes por sua fé, o amor ao próximo, em conjunto a sua predisposição mediúnica. Hoje em dia isso não existe mais, ou pouco se vê, até em sua origem natural e correta. Digo isso, porque na atualidade as rezadeiras que ainda persistem cobram por seus serviços, mas não se deve cobrar por trabalhos de auxílio aos necessitados, se ela tem o dom, precisa ser realizado por doação, por amor e caridade, com se diz na Bíblia: "Dai de graça, o que de graça recebestes." Se o trabalho passa a ter respaldo financeiro, perde a sua funcionalidade e a assistência espiritual recebida pela Justiça Divina. Os que as rezadeiras fazem não deve ser tratado como profissão, não tem sentido. Desse modo, não se comenta benzimentos on line, são charlatanismo puro.

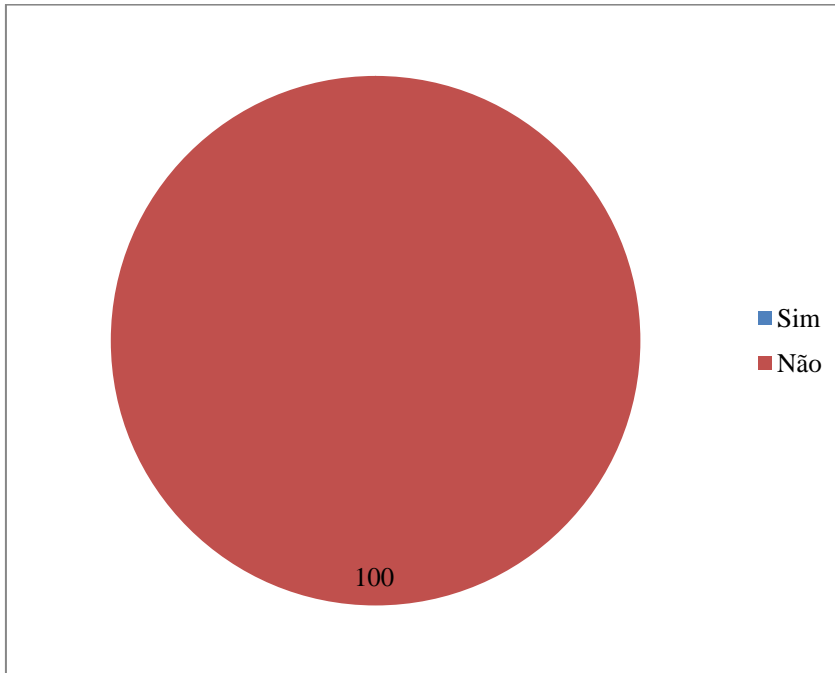
13.3-Parece que é algo que não existe.

13.4-As pessoas atualmente não acreditam na reza dessas pessoas que só fazem o bem. (...)



14- Você conhece ou segue algum grupo de benzimento online?

36 respostas



15- Se sim, qual?

3 respostas

Não...

Não sei

Não sabia que existia esse tipo de atendimento online.

**FOTOS DA CIDADE DE VICÊNCIA/PE.**



Figura Imagem 7 – Matriz de Sant’Ana – Vicência/PE  
Vicência/PE (Fonte: vicencia.pe.gov.br)



Figura Imagem 8- Engenho Poço Comprido –  
(Fonte:vicencia.pe.gov.br)



Figura Imagem 9-Engenho Jundiá – Vicência/PE  
(Fonte: vicencia.pe.gov.br)



Figura Imagem 10- rampa para a prática de voo  
Livres – Engenho Jundiá- Vicência/PE  
Fonte: Internet)



Figura Imagem 11- Placa em Homenagem  
à Dona Vicência- centro da Cidade  
Vicência/PE (Fonte: vicencia.pe.gov.br)